

Regra do glorioso Patriarca São Bento



Tradução e Notas de
Dom João Evangelista Enout, OSB.

Sumário

PRÓLOGO DA REGRA.....	4
1 - Dos gêneros de monges.....	6
2 - Como deve ser o Abade.....	7
3 - Da convocação dos irmãos a conselho.....	9
4 - Quais são os instrumentos das boas obras.....	9
5 - Da obediência.....	12
6 - Do silêncio.....	12
7 - Da humildade.....	13
8 - Dos Ofícios Divinos durante a noite.....	16
9 - Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas.....	17
10 - Como será celebrado no verão o louvor divino.....	17
11 - Como serão celebradas as Vigílias aos domingos.....	17
12 - Como será realizada a solenidade das matinas.....	18
13 - Como serão realizadas as matinas em dia comum.....	18
14 - Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos.....	19
15 - Em quais épocas será dito o Aleluia.....	19
16 - Como serão celebrados os ofícios durante o dia.....	19
17 - Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas.....	20
18 - Em que ordem os salmos devem ser ditos.....	20
19 - Da maneira de salmodiar.....	21
20 - Da reverência na oração.....	22
21 - Dos decanos do mosteiro.....	22
22 - Como devem dormir os monges.....	22
23 - Da excomunhão pelas faltas.....	23
24 - Qual deve ser o modo de proceder-se à excomunhão.....	23
25 - Das faltas mais graves.....	23
26 - Dos que sem autorização se juntam aos excomungados.....	24
27 - Como deve o Abade ser solícito para com os excomungados.....	24
28 - Daqueles que muitas vezes corrigidos não quiserem emendar-se.....	24
29 - Se devem ser novamente recebidos os irmãos que saem do mosteiro.....	25
30 - De que maneira serão corrigidos os de menor idade.....	25
31 - Como deve ser o Celeireiro do mosteiro.....	25
32 - Das ferramentas e objetos do mosteiro.....	26
33 - Se os monges devem possuir alguma coisa de próprio.....	26
34 - Se todos devem receber igualmente o necessário.....	26
35 - Dos semanários da cozinha.....	27
36 - Dos irmãos enfermos.....	27
37 - Dos velhos e das crianças.....	28
38 - Do leitor semanário.....	28
39 - Da medida da comida.....	29
40 - Da medida da bebida.....	29
41 - A que horas convém fazer as refeições.....	30
42 - Que ninguém fale depois das Completas.....	30
43 - Dos que chegam tarde ao Ofício Divino ou à mesa.....	30
44 - Como devem fazer satisfação os que tiverem sido excomungados.....	31

45 - Dos que erram no oratório.....	32
46 - Daqueles que cometem faltas em quaisquer outras coisas.....	32
47 - Como deve ser dado o sinal para o Ofício Divino.....	32
48 - Do trabalho manual cotidiano.....	33
49 - Da observância da Quaresma.....	34
50 - Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem.....	34
51 - Dos irmãos que partem para não muito longe.....	34
52 - Do oratório do mosteiro.....	35
53 - Da recepção dos hóspedes.....	35
54 - Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa.....	36
55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos.....	36
56 - Da mesa do Abade.....	37
57 - Dos artistas do mosteiro.....	37
58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos.....	38
59 - Dos filhos dos nobres ou dos pobres que são oferecidos.....	39
60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro.....	39
61 - Dos monges peregrinos como devem ser recebidos.....	40
62 - Dos sacerdotes do mosteiro.....	41
63 - Da ordem na comunidade.....	41
64 - Da ordenação do Abade.....	42
65 - Do Prior do mosteiro.....	43
66 - Dos porteiros do mosteiro.....	44
67 - Dos irmãos mandados em viagem.....	44
68 - Se são ordenadas a um irmão coisas impossíveis.....	45
69 - No mosteiro não presuma um defender o outro.....	45
70 - Não presuma alguém bater em outrem a próprio arbítrio.....	45
71 - Que sejam obedientes uns aos outros.....	45
72 - Do bom zelo que os monges devem ter.....	46
73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra	46

PRÓLOGO DA REGRA

¹Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, ²para que voltes, pelo trabalho da obediência, àquele de quem te afastaste pela falta de zelo e pela desobediência. ³A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.

⁴Antes de tudo, quando começares algo de bom, pede-Lhe com oração muito insistente que seja por Ele plenamente realizado, ⁵a fim de que nunca venha a entristecer-se, por causa das nossas más ações, aquele que já se dignou contar-nos no número de seus filhos; ⁶assim, pois, devemos obedecer-Lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como pai irado, a deserdar seus filhos, ⁷nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que o não quiseram seguir para a glória.

⁸Levantemo-nos então finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: “Já é hora de nos levantarmos do sono”. ⁹E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos, ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: ¹⁰“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações”, ¹¹e de novo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. ¹²E que diz? – “Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor. ¹³Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam”.

¹⁴E procurando o Senhor o seu operário na multidão do povo, ao qual clama estas coisas, diz ainda: ¹⁵“Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?” ¹⁶Se, ouvindo, responderes: “Eu”, dir-te-á Deus: ¹⁷“Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a”. ¹⁸E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: “Eis-me aqui”. ¹⁹Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? ²⁰Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida.

²¹Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhem os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino. ²²Se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá. ²³Mas, com o profeta, interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: “Senhor, quem habitará na vossa

tenda e descansará na vossa montanha santa?”. ²⁴Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda, ²⁵dizendo: “É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça; ²⁶aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua, ²⁷que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo”. ²⁸É aquele que quando o maligno diabo tenta persuadi-lo de alguma coisa, repelindo-o das vistas do seu coração, a ele e suas sugestões, redu-lo a nada, agarra os seus pensamentos ainda ao nascer e quebra-os de encontro ao Cristo. ²⁹São aqueles que, temendo o Senhor, **não se tornam orgulhosos por causa de sua boa observância**, mas, julgando que mesmo as coisas boas que têm em si não as puderam por si, mas foram feitas pelo Senhor, ³⁰glorificam Aquele que neles opera, dizendo com o profeta: **“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dai Glória”**. ³¹Como, aliás, o Apóstolo Paulo não atribua a si próprio coisa alguma de sua pregação, quando dizia: “Pela graça de Deus sou o que sou” ³²e ainda: “Quem se glorifica, que se glorifique no Senhor”.

³³Eis porque no Evangelho diz o Senhor: “Àquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, compará-lo-ei ao homem sábio que edificou sua casa sobre a pedra, ³⁴creceram os rios, sopraram os ventos e investiram contra a casa; e ela não ruiu porque estava fundada sobre pedra”. ³⁵Em conclusão espera o Senhor todos os dias que nos empenhemos em responder com atos às suas santas exortações. ³⁶Por essa razão, os dias desta vida nos são prolongados como tréguas para a emenda dos nossos vícios, ³⁷conforme diz o Apóstolo: “Então ignoras que a paciência de Deus te conduz à penitência?”. ³⁸Pois diz o bom Senhor: “Não quero a morte do pecador, mas sim que se converta e viva”.

³⁹Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar: a nós compete cumprir com a obrigação do morador!

⁴⁰Portanto, é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos; ⁴¹e em tudo aquilo que nossa natureza tiver menores possibilidades, roguemos ao Senhor que ordene a sua graça que nos preste auxílio. ⁴²E, se, fugindo das penas do inferno, queremos chegar à vida eterna, ⁴³enquanto é tempo, e ainda estamos neste corpo e é possível realizar todas essas coisas no decorrer desta vida de luz, ⁴⁴cumpra correr e agir, agora, de forma que nos aproveite para sempre.

⁴⁵Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor. ⁴⁶Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. ⁴⁷Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade ⁴⁸não fujas logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão

por estreito início. ⁴⁹Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus. ⁵⁰De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser co-herdeiros de seu reino. Amém.

COMEÇA O TEXTO DA REGRA

É chamada Regra porque dirige os Costumes dos que a ela obedecem

1 - Dos gêneros de monges

¹É sabido que há quatro gêneros de monges^a. ²O primeiro é o dos cenobitas, isto é, o monasterial, dos que militam sob uma Regra e um Abade.

³O segundo gênero é o dos anacoretas, isto é, dos eremitas, daqueles que, não por um fervor inicial da vida monástica, mas através de provação diuturna no mosteiro, ⁴instruídos então na companhia de muitos aprenderam a lutar contra o demônio ⁵e, bem adestrados nas fileiras fraternas, já estão seguros para a luta isolada do deserto, sem a consolação de outrem, e aptos para combater com as próprias mãos e braços, ajudando-os Deus, contra os vícios da carne e dos pensamentos.

⁶O terceiro gênero de monges, e detestável, é o dos sarabaítas, que, não tendo sido provados, como o ouro na fornalha, por nenhuma regra, mestra pela experiência, mas amolecidos como numa natureza de chumbo, ⁷conservam-se por suas obras fiéis ao século, e são conhecidos por mentir a Deus pela tonsura. ⁸São aqueles que se encerram dois ou três ou mesmo sozinhos, sem pastor, não nos apriscos do Senhor, mas nos seus próprios; a satisfação dos desejos é para eles lei, ⁹visto que tudo quanto julgam dever fazer ou preferem, chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito.

¹⁰O quarto gênero de monges é o chamado dos giróvagos, que por toda a sua vida se hospedam nas diferentes províncias, por três ou quatro dias nas celas de outros monges, ¹¹sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduções da gula, e em tudo piores que os sarabaítas. ¹²Sobre o misérrimo modo de vida de todos esses é melhor calar que dizer algo.

¹³Deixando-os de parte, vamos dispor, com o auxílio do Senhor, sobre o poderosíssimo gênero dos cenobitas.

a **Monge** - ¹religioso que vive comunitariamente num mosteiro, alternando orações e trabalho em sua rotina; ² pessoa que opta por uma vida austera, recolhida, afastando-se da sociedade; anacoreta ; fem.: monja. etim lat.cl. monachus,i (gr. monakhós 'que vive só, solitário'). religioso que vive isolado em mosteiro, ermitão'

2 - Como deve ser o Abade

¹O Abade digno de presidir ao mosteiro, deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado, e corresponder pelas ações ao nome de superior. ²Com efeito, crê-se que, no mosteiro ele faz as vezes do Cristo, pois é chamado pelo mesmo cognome que Este, ³no dizer do Apóstolo: “Recebestes o espírito de adoção de filhos, no qual clamamos: ABBA, Pai”. ⁴Por isso o Abade nada deve ensinar, determinar ou ordenar, que seja contrário ao preceito do Senhor, ⁵mas que a sua ordem e ensinamento, como o fermento da divina justiça se espalhe na mente dos discípulos; ⁶lembre-se sempre o abade de que da sua doutrina e da obediência dos discípulos, de ambas essas coisas, será feita apreciação no tremendo juízo de Deus.

⁷E saiba o Abade que é atribuído à culpa do pastor tudo aquilo que o Pai de família puder encontrar de menos no progresso das ovelhas. ⁸Em compensação, de outra maneira será, se a um rebanho irrequieto e desobediente tiver sido dispensada toda diligência do pastor e oferecido todo o empenho na cura de seus atos doentios; ⁹absolvido então o pastor no juízo do Senhor, diga ao mesmo com o Profeta: “Não escondi vossa justiça em meu coração, manifestei vossa verdade e a vossa salvação; eles, porém, com desdém desprezaram-me”. ¹⁰E então, finalmente, que prevaleça a própria morte como pena para as ovelhas que desobedeceram aos seus cuidados.

¹¹Portanto, quando alguém recebe o nome de Abade, deve presidir a seus discípulos usando de uma dupla doutrina, ¹²isto é, apresente as coisas boas e santas, mais pelas ações do que pelas palavras, de modo que aos discípulos capazes de entendê-las proponha os mandamentos do Senhor por meio de palavras, e aos duros de coração e aos mais simples mostre os preceitos divinos pelas próprias ações. ¹³Assim, tudo quanto ensinar aos discípulos como sendo nocivo, indique pela sua maneira de agir que não se deve praticar, a fim de que. Pregando aos outros, não se torne ele próprio réprobo, ¹⁴e Deus não lhe diga um dia como a um pecador: “Por que narras as minhas leis e anuncias o meu testamento pela tua boca? tu que odiaste a disciplina e atiraste para trás de ti as minhas palavras”, ¹⁵e ainda: “Vias o argueiro no olho de teu irmão e não viste a trave no teu próprio”.

¹⁶Que não seja feita por ele distinção de pessoas no mosteiro. ¹⁷Que um não seja mais amado que outro, a não ser aquele que for reconhecido melhor nas boas ações ou na obediência. ¹⁸Não anteponha o nascido livre ao originário de condição servil, a não ser que exista outra causa razoável para isso; ¹⁹pois se parecer ao Abade que deve fazê-lo por questão de justiça, fá-lo-á seja qual for a condição social; caso contrário, mantenham todos seus próprios lugares, ²⁰porque, servo ou livre, somos todos um em

Cristo e sob um só Senhor caminhamos submissos na mesma milícia de servidão: **“Porque não há em Deus aceção de pessoas”**. ²¹Somente num ponto somos por ele distinguidos, isto é, **se formos melhores do que os outros nas boas obras e humildes**. ²²Seja pois igual a caridade dele para com todos; que uma só disciplina seja proposta a todos, conforme os merecimentos de cada um.

²³Portanto, em sua doutrina deve sempre o Abade observar aquela fórmula do Apóstolo: “Repreende, exorta, admoesta”, ²⁴isto é, temperando as ocasiões umas com as outras, os carinhos com os rigores, mostre a severidade de um mestre e o justo afeto de um pai, quer dizer: ²⁵aos indisciplinados e inquietos deve repreender mais duramente, mas aos obedientes, mansos e pacientes, deve exortar a que progridam ainda mais, e quanto aos negligentes e desdenhosos, advertimos que os repreenda e castigue. ²⁶Não dissimule as faltas dos culpados, mas logo que começarem a brotar ampute-as pela raiz, como lhe for possível, lembrando-se da desgraça de Heli, sacerdote de Silo. ²⁷Aos mais honestos e de ânimo compreensível, censure por palavras em primeira e segunda advertência; ²⁸porém aos trapaceiros, duros e soberbos ou desobedientes reprima com varadas ou outro castigo corporal, desde o início da falta, sabendo que está escrito: “O estulto não se corrige com palavras”. ²⁹E mais: “Bate no teu filho com a vara e livrarás a sua alma da morte”.

³⁰Deve sempre lembrar-se o Abade daquilo que é; lembrar-se de como é chamado, e saber que daquele a quem mais se confia mais se exige. ³¹E saiba que coisa difícil e árdua recebeu: reger as almas e servir aos temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele, porém, com repreensões, a outro com persuasões ³²segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos, que não somente não venha a sofrer perdas no rebanho que lhe foi confiado, mas também se alegre com o aumento da boa grei.

³³Antes de tudo, que não trate com mais solicitude das coisas transitórias, terrenas e caducas, negligenciando ou tendo em pouco a salvação das almas que lhe foram confiadas, ³⁴mas pense sempre que recebeu almas a dirigir, das quais deverá também prestar contas. ³⁵E para que não venha, porventura, a alegar falta de recursos, lembrar-se-á do que esta escrito: “Buscai primeiro reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão dadas por acréscimo”; ³⁶e ainda: “Nada falta aos que O temem”. ³⁷E saiba que quem recebeu almas a dirigir, deve preparar-se para prestar contas.

³⁸Saiba como certo que de todo o número de irmãos que tiver possuído sob seu cuidado, no dia do juízo, deverá prestar contas ao Senhor das almas de todos eles, e mais, sem dúvida também da sua própria alma. ³⁹E assim, temendo sempre a futura apreciação do pastor acerca das ovelhas que lhe foram confiadas enquanto cuida das contas alheias, torna-se

solícito para com a suas próprias, ⁴⁰e enquanto com suas exortações subministra a emenda aos outros, consegue ele próprio emendar-se de seu vícios.

3 - Da convocação dos irmãos a conselho

¹Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o Abade toda a comunidade e diga ele próprio de que se trata.

²Ouvindo o conselho dos irmãos, considere consigo mesmo e faça o que julgar mais útil. ³Dissemos que todos fossem chamados a conselho porque muitas vezes o Senhor revela ao mais moço o que é melhor. ⁴Dêem pois os irmãos o seu conselho com toda a submissão da humildade e não ousem defender arrogantemente o seu parecer, e ⁵que a solução dependa antes do arbítrio do Abade, e todos lhe obedeçam no que ele tiver julgado ser mais salutar; ⁶mas, assim como convém aos discípulos obedecer ao mestre, também a este convém dispor todas as coisas com prudência e justiça.

⁷Em tudo, pois, sigam todos a Regra como mestra, nem dela se desvie alguém temerariamente. ⁸Ninguém, no mosteiro, siga a vontade do próprio coração, ⁹nem ouse discutir insolentemente com seu abade, nem mesmo discutir com ele fora do mosteiro. ¹⁰E, se ousar fazê-lo, seja submetido à disciplina regular. ¹¹No entanto, que o próprio abade faça tudo com temor de Deus e observância da Regra, cõnscio^b de que, sem dúvida alguma, de todos os seus juízos deverá dar contas a Deus, justíssimo juiz. ¹²Se, porém, for preciso fazer alguma coisa de menor importância dentre os negócios do mosteiro, use o Abade somente do conselho dos mais velhos, ¹³conforme o que está escrito: “Faze tudo com conselho e depois de feito não te arrependrás”.

4 - Quais são os instrumentos das boas obras

¹Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

²Depois, amar ao próximo como a si mesmo.

³Em seguida, não matar.

⁴Não cometer adultério.

⁵Não furtar.

b **Cõnscio** ¹que sabe, que tem noção clara; ²que procede com consciência, probidade; ³que envolve raciocínio, conhecimento, percepção, decisão; ⁴que percebe ou reconhece como real ou existente algo exterior a si mesmo; ⁵que reconhece sua responsabilidade; ⁶que assume uma postura, uma ideologia; que tem consciência de seu papel, de sua condição e da realidade social e política do seu tempo; ⁷feito com meticulosidade, proficiência, cuidado; ⁸ que está informado; ciente. **etim lat.** *consciens, a, um* 'que sabe com outros, que tem conhecimento pleno'; **sin/var** *consciente, conscientizado, politizado.*

- ⁶Não cobiçar.
- ⁷Não levantar falso testemunho.
- ⁸Honrar todos os homens.
- ⁹E não fazer a outrem o que não quer que lhe seja feito.
- ¹⁰Abnegar-se a si mesmo para seguir o Cristo.
- ¹¹Castigar o corpo.
- ¹²Não abraçar as delícias.
- ¹³Amar o jejum.
- ¹⁴Reconfortar os pobres.
- ¹⁵Vestir os nus.
- ¹⁶Visitar os enfermos.
- ¹⁷Sepultar os mortos.
- ¹⁸Socorrer na tribulação.
- ¹⁹Consolar o que sofre.
- ²⁰Fazer-se alheio às coisas do mundo.
- ²¹Nada antepor ao amor de Cristo.
- ²²Não satisfazer a ira.
- ²³Não reservar tempo para a cólera.
- ²⁴Não conservar a falsidade no coração.
- ²⁵Não conceder paz simulada.
- ²⁶Não se afastar da caridade.
- ²⁷Não jurar para não vir a perjurar.
- ²⁸Proferir a verdade de coração e de boca.
- ²⁹Não retribuir o mal com o mal.
- ³⁰Não fazer injustiça, mas suportar pacientemente as que lhe são feitas.
- ³¹Amar os inimigos.
- ³²Não retribuir com maldição aos que o amaldiçoam, mas antes abençoá-los.
- ³³Suportar perseguição pela justiça.
- ³⁴Não ser soberbo.
- ³⁵Não ser dado ao vinho.
- ³⁶Não ser guloso.
- ³⁷Não ser apegado ao sono.
- ³⁸Não ser preguiçoso.
- ³⁹Não ser murmurador.
- ⁴⁰Não ser detrator.
- ⁴¹Colocar toda a esperança em Deus.
- ⁴²O que achar de bem em si, atribuí-lo a Deus e não a si mesmo.
- ⁴³Mas, quanto ao mal, saber que é sempre obra sua e a si mesmo atribuí-lo.
- ⁴⁴Temer o dia do juízo.
- ⁴⁵Ter pavor do inferno.

- ⁴⁶Desejar a vida eterna com todo desejo ardente e espiritual.
- ⁴⁷Ter diariamente diante dos olhos a morte a surpreendê-lo.
- ⁴⁸Vigiar a toda hora os atos de sua vida.
- ⁴⁹Saber como certo que Deus o vê em todo lugar.
- ⁵⁰Quebrar imediatamente de encontro ao Cristo os maus pensamentos que lhe advêm ao coração e revelá-los a um conselheiro espiritual.
- ⁵¹Guardar sua boca da palavra má ou perversa.
- ⁵²Não gostar de falar muito.
- ⁵³Não falar palavras vãs ou que só sirvam para provocar riso.
- ⁵⁴Não gostar do riso excessivo ou ruidoso.
- ⁵⁵Ouvir de boa vontade as santas leituras.
- ⁵⁶Dar-se frequentemente à oração.
- ⁵⁷Confessar todos os dias a Deus na oração, com lágrimas e gemidos, as faltas passadas e ⁵⁸daí por diante emendar-se delas.
- ⁵⁹Não satisfazer os desejos da carne.
- ⁶⁰Odiar a própria vontade.
- ⁶¹Obedecer em tudo às ordens do Abade, mesmo que este, o que não aconteça, proceda de outra forma, lembrando-se do preceito do Senhor: “Fazei o que dizem, mas não o que fazem”.
- ⁶²Não querer ser tido como santo antes que o seja, mas primeiramente sê-lo para que como tal o tenham com mais fundamento.
- ⁶³Pôr em prática diariamente os preceitos de Deus.
- ⁶⁴Amar a castidade.
- ⁶⁵Não odiar a ninguém.
- ⁶⁶Não ter ciúmes.
- ⁶⁷Não exercer a inveja.
- ⁶⁸Não amar a rixa.
- ⁶⁹Fugir da vanglória^c.
- ⁷⁰Venerar os mais velhos.
- ⁷¹Amar os mais moços.
- ⁷²Orar, no amor de Cristo, pelos inimigos.
- ⁷³Voltar à paz, antes do pôr-do-sol, com aqueles com quem teve desavença.
- ⁷⁴E nunca desesperar da misericórdia de Deus.
- ⁷⁵Eis aí os instrumentos da arte espiritual: ⁷⁶se forem postos em ação por nós, dia e noite, sem cessar, e devolvidos no dia do juízo, seremos recompensados pelo Senhor com aquele prêmio que Ele mesmo prometeu: ⁷⁷“O que olhos não viram nem ouvidos ouviram preparou Deus para aqueles que o amam”. ⁷⁸São, porém, os claustros do mosteiro e a estabilidade na comunidade a oficina onde executaremos diligentemente

^c Vanglória convencimento, nem sempre fundamentado na realidade, dos próprios méritos, qualidades ou talentos; vaidade, jactância, bazófia.

tudo isso.

5 - Da obediência

¹O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. ²É peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo; ³por causa do santo serviço que professaram, por causa do medo do inferno ou por causa da glória da vida eterna, ⁴desconhecem o que seja demorar na execução de alguma coisa logo que ordenada pelo superior, como sendo por Deus ordenada. ⁵Deles diz o Senhor: “Logo ao ouvir-me, obedeceram-me”. ⁶E do mesmo modo diz aos doutores: “Quem vos ouve a mim ouve”.

⁷Pois são esses mesmos que, deixando imediatamente as coisas que lhes dizem respeito e abandonando a própria vontade, ⁸desocupando logo as mãos e deixando inacabado o que faziam, seguem com seus atos, tendo os passos já dispostos para a obediência, a voz de quem ordena. ⁹E, como que num só momento, ambas as coisas - a ordem recém-dada do mestre e a perfeita obediência do discípulo - são realizadas simultânea e rapidamente, na prontidão do temor de Deus. ¹⁰Apodera-se deles o desejo de caminhar para a vida eterna; ¹¹por isso, lançam-se como que de assalto ao caminho estreito do qual diz o Senhor: “Estreito é o caminho que conduz à vida”, ¹²e assim, não tendo, como norma de vida a própria vontade, nem obedecendo aos próprios desejos e prazeres, mas caminhando sob o juízo e domínio de outro e vivendo em comunidade, desejam que um Abade lhes presida. ¹³Imitam, sem dúvida, aquela máxima do Senhor que diz: “Não vim fazer minha vontade, mas a d’Aquele que me enviou”.

¹⁴Mas essa mesma obediência somente será digna da aceitação de Deus e doce aos homens, se o que é ordenado for executado sem tremor, sem delongas, não mornamente, não com murmuração, nem com resposta de quem não quer. ¹⁵Porque a obediência prestada aos superiores é tributada a Deus. Ele próprio disse: “Quem vos ouve, a mim me ouve”. ¹⁶E convém que seja prestada de boa vontade pelos discípulos, porque “Deus ama aquele que dá com alegria”. ¹⁷Pois, se o discípulo obedecer de má vontade e se murmurar, mesmo que não com a boca, mas só no coração, ¹⁸ainda que cumpra a ordem, não será mais o seu ato aceito por Deus que vê seu coração a murmurar; ¹⁹e por tal ação não consegue graça alguma, e, ainda mais, incorre no castigo dos murmuradores se não se emendar pela satisfação.

6 - Do silêncio

¹Façamos o que diz o profeta: “Eu disse, guardarei os meus caminhos para que não peque pela língua: pus uma guarda à minha boca: emudeci, humilhei-me e calei as coisas boas”. ²Aqui mostra o Profeta que, se, às vezes, se devem calar mesmo as boas conversas, por causa do silêncio, quanto mais não deverão ser suprimidas as más palavras, por causa do castigo do pecado? ³Por isso, ainda que se trate de conversas boas, santas e próprias a edificar, raramente seja concedida aos discípulos perfeitos licença de falar, por causa da gravidade do silêncio, ⁴pois está escrito: “Falando muito não foges ao pecado”, ⁵e em outro lugar: “a morte e a vida estão em poder da língua”. ⁶Com efeito, falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir.

⁷Por isso, se é preciso pedir alguma coisa ao superior, que se peça com toda a humildade e submissão da reverência. ⁸Já quanto às brincadeiras, palavras ociosas e que provocam riso, condenamo-las em todos os lugares a uma eterna clausura, para tais palavras não permitimos ao discípulo abrir a boca.

7 - Da humildade

¹Irmãos, a Escritura divina nos clama dizendo: “Todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado”. ²Indica-nos com isso que toda elevação é um gênero da soberba, ³da qual o Profeta mostra precaver-se quando diz: “Senhor, o meu coração não se exaltou, nem foram altivos meus olhos; não andei nas grandezas, nem em maravilhas acima de mim”. ⁴Mas, que seria de mim se não me tivesse feito humilde, se tivesse exaltado minha alma? Como aquele que é desmamado de sua mãe, assim retribuirias a minha alma.

⁵Se, portanto, irmãos, queremos atingir o cume da suma humildade e se queremos chegar rapidamente àquela exaltação celeste para a qual se sobe pela humildade da vida presente, ⁶deve ser erguida, pela ascensão de nossos atos, aquela escada que apareceu em sonho a Jacó, na qual lhe eram mostrados anjos que subiam e desciam. ⁷Essa descida e subida, sem dúvida, outra coisa não significa, para nós, senão que pela exaltação se desce e pela humildade se sobe. ⁸Essa escada ereta é a nossa vida no mundo, a qual é elevada ao céu pelo Senhor, se nosso coração se humilha. ⁹Quanto aos lados da escada, dizemos que são o nosso corpo e alma, e nesses lados a vocação divina inseriu, para serem galgados, os diversos graus da humildade e da disciplina.

¹⁰Assim, o **primeiro grau** da humildade consiste em que, pondo sempre o monge diante dos olhos o temor de Deus, evite, absolutamente, qualquer

esquecimento, ¹¹e esteja, ao contrário, sempre lembrado de tudo o que Deus ordenou, revolva sempre, no espírito, não só que o inferno queima, por causa de seus pecados, os que desprezam a Deus, mas também que a vida eterna está preparada para os que temem a Deus; ¹²e, defendendo-se a todo tempo dos pecados e vícios, isto é, dos pecados do pensamento, da língua, das mãos, dos pés e da vontade própria, como também dos desejos da carne, ¹³considere-se o homem visto do céu, a todo momento, por Deus, e suas ações vistas em toda parte pelo olhar da divindade e anunciadas a todo instante pelos anjos. ¹⁴Mostra-nos isso o Profeta quando afirma estar Deus sempre presente aos nossos pensamentos: “Deus que perscruta os corações e os rins”. ¹⁵E também: “Deus conhece os pensamentos dos homens”. ¹⁶E ainda: “De longe percebestes os meus pensamentos” ¹⁷e “o pensamento do homem vos será confessado”. ¹⁸Portanto, para que esteja vigilante quanto aos seus pensamentos maus, diga sempre, em seu coração, o irmão empenhado em seu próprio bem: “se me preservar da minha iniquidade, serei, então, imaculado diante d’Ele”.

¹⁹Assim, é-nos proibido fazer a própria vontade, visto que nos diz a Escritura: “Afasta-te das tuas próprias vontades”. ²⁰E, também, porque rogamos a Deus na oração que se faça em nós a sua vontade.

²¹Aprendemos, pois, com razão, a não fazer a própria vontade, enquanto nos acautelamos com aquilo que diz a Escritura: “Há caminhos considerados retos pelos homens cujo fim mergulha até o fundo do inferno”, ²²e enquanto, também, nos apavoramos com o que foi dito dos negligentes: “Corromperam-se e tornaram-se abomináveis nos seus prazeres”. ²³Por isso, quando nos achamos diante dos desejos da carne, creiamos que Deus está sempre presente junto a nós, pois disse o Profeta ao Senhor: “Diante de vós está todo o meu desejo”.

²⁴Devemos, portanto, acautelar-nos contra o mau desejo, porque a morte foi colocada junto à porta do prazer. ²⁵Sobre isso a Escritura preceitua dizendo: “Não andes atrás de tuas concupiscências”. ²⁶Logo, se os olhos do Senhor “observam os bons e os maus”, ²⁷e “o Senhor sempre olha do céu os filhos dos homens para ver se há algum inteligente ou que procura a Deus” ²⁸e se, pelos anjos que nos foram designados, todas as coisas que fazemos são, cotidianamente, dia e noite, anunciadas ao Senhor, ²⁹devemos ter cuidado, irmãos, a toda hora, como diz o Profeta no salmo, para que não aconteça que Deus nos veja no momento em que caímos no mal, tornando-nos inúteis, ³⁰e para que, vindo a poupar-nos nessa ocasião porque é Bom e espera sempre que nos tornemos melhores, não venha a dizer-nos no futuro: “Fizeste isto e calei-me”.

³¹O **segundo grau** da humildade consiste em que, não amando a própria vontade, não se deleite o monge em realizar os seus desejos, ³²mas imite

nas ações aquela palavra do Senhor: “Não vim fazer a minha vontade, mas a d’Aquele que me enviou”. ³³Do mesmo modo, diz a Escritura: “O prazer traz consigo a pena e a necessidade gera a coroa”.

³⁴O **terceiro grau** da humildade consiste em que, por amor de Deus, se submeta o monge, com inteira obediência ao superior, imitando o Senhor, de quem disse o Apóstolo: “Fez-se obediente até a morte”.

³⁵O **quarto grau** da humildade consiste em que, no exercício dessa mesma obediência abraça o monge a paciência, de ânimo sereno, nas coisas duras e adversas, ainda mesmo que se lhe tenham dirigido injúrias, ³⁶e, suportando tudo, não se entregue nem se vá embora, pois diz a Escritura: “Aquele que perseverar até o fim será salvo”. ³⁷E também: “Que se revigore o teu coração e suporta o Senhor”. ³⁸E a fim de mostrar que o que é fiel deve suportar todas as coisas, mesmo as adversas, pelo Senhor, diz a Escritura, na pessoa dos que sofrem: “Por vós, somos entregues todos os dias à morte; somos considerados como ovelhas a serem sacrificadas”. ³⁹Seguros na esperança da retribuição divina, prosseguem alegres dizendo: “Mas superamos tudo por causa daquele que nos amou”.

⁴⁰Também, em outro lugar, diz a Escritura: “Ó Deus, provastes-nos, experimentastes-nos no fogo, como no fogo é provada a prata: induzistes-nos a cair no laço, impusestes tribulações sobre os nossos ombros”. ⁴¹E para mostrar que devemos estar submetidos a um superior, continua: “Impusestes homens sobre nossas cabeças”. ⁴²Cumprindo, além disso, com paciência o preceito do Senhor nas adversidades e injúrias, se lhes batem numa face, oferecem a outra; a quem lhes toma a túnica cedem também o manto; obrigados a uma milha, andam duas; ⁴³suportam, como Paulo Apóstolo, os falsos irmãos e abençoam aqueles que os amaldiçoam.

⁴⁴O **quinto grau** da humildade consiste em não esconder o monge ao seu Abade todos os maus pensamentos que lhe vêm ao coração, ou o que de mal tenha cometido ocultamente, mas em lho revelar humildemente, ⁴⁵exortando-nos a este respeito a Escritura quando diz: “Revela ao Senhor o teu caminho e espera nele”. ⁴⁶E quando diz ainda: “Confessai ao Senhor porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna”. ⁴⁷Do mesmo modo o Profeta: “Dei a conhecer a Vós a minha falta e não escondi as minhas injustiças. ⁴⁸Disse: acusar-me-ei de minhas injustiças diante do Senhor, e perdoastes a maldade de meu coração”.

⁴⁹O **sexto grau** da humildade consiste em que esteja o monge contente com o que há de mais vil e com a situação mais extrema e, em tudo que lhe seja ordenado fazer, se considere mau e indigno operário, ⁵⁰dizendo-se a si mesmo com o Profeta: “Fui reduzido a nada e não o sabia; tornei-me como um animal diante de Vós, porém estou sempre convosco”.

⁵¹O **sétimo grau** da humildade consiste em que o monge se diga inferior e mais vil que todos, não só com a boca, mas que também o creia no íntimo

pulsar do coração, ⁵²humilhando-se e dizendo com o Profeta: “Eu, porém, sou um verme e não um homem, a vergonha dos homens e a abjeção do povo: ⁵³exaltei-me, mas, depois fui humilhado e confundido”. ⁵⁴E ainda: “É bom para mim que me tenhais humilhado, para que aprenda os vossos mandamentos”.

⁵⁵O **oitavo grau** da humildade consiste em que só faça o monge o que lhe exortam a Regra comum do mosteiro e os exemplos de seus maiores.

⁵⁶O **nono grau** da humildade consiste em que o monge negue o falar a sua língua, entregando-se ao silêncio; nada diga, até que seja interrogado, ⁵⁷pois mostra a Escritura que “no muito falar não se foge ao pecado” ⁵⁸e que “o homem que fala muito não se encaminhará bem sobre a terra”.

⁵⁹O **décimo grau** da humildade consiste em que não seja o monge fácil e pronto ao riso, porque está escrito: “O estulto eleva sua voz quando ri”.

⁶⁰O **undécimo grau** da humildade consiste em, quando falar, fazê-lo o monge suavemente e sem riso, humildemente e com gravidade, com poucas e razoáveis palavras e não em alta voz, ⁶¹conforme o que está escrito: “O sábio manifesta-se com poucas palavras”.

⁶²O **duodécimo grau** da humildade consiste em que não só no coração tenha o monge a humildade, mas a deixe transparecer sempre, no próprio corpo, aos que o veem, ⁶³isto é, que no ofício divino, no oratório, no mosteiro, na horta, quando em caminho, no campo ou onde quer que esteja, sentado, andando ou em pé, tenha sempre a cabeça inclinada, os olhos fixos no chão, ⁶⁴considerando-se a cada momento culpado de seus pecados, tenha-se já como presente diante do tremendo juízo de Deus, ⁶⁵dizendo-se a si mesmo, no coração, aquilo que aquele publicano do Evangelho disse, com os olhos pregados no chão: “Senhor, não sou digno, eu pecador, de levantar os olhos aos céus”. ⁶⁶E ainda, com o Profeta: “Estou completamente curvado e humilhado”.

⁶⁷Tendo, por conseguinte, subido todos esses degraus da humildade, o monge atingirá logo, aquela caridade de Deus, que, quando perfeita, afasta o temor; ⁶⁸por meio dela tudo o que observava antes não sem medo começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume, ⁶⁹não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes.

⁷⁰Eis o que, no seu operário, já purificado dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar por meio do Espírito Santo.

8 - Dos Ofícios Divinos durante a noite

¹Em tempo de inverno, isto é, de primeiro de novembro até a Páscoa, em consideração ao que é razoável, devem os monges levantar-se à oitava hora da noite ²de modo que durmam um pouco mais da metade da noite e

se levantem tendo já feita a digestão. ³O tempo que resta depois das Vigílias seja empregado na preparação de algum trecho do saltério ou das lições, por parte dos irmãos que disto necessitarem. ⁴Da Páscoa, porém, até o referido dia primeiro de novembro, seja regulada a hora de tal maneira que as Matinas que devem ser celebradas quando começa a clarear, venham em seguida ao ofício das Vigílias, depois de brevíssimo intervalo, durante o qual os irmãos saem para as necessidades naturais.

9 - Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas

¹No tempo de inverno acima citado, diga-se em primeiro lugar o versículo, repetido três vezes: “Senhor, abrirei os meus lábios e minha boca anunciará vosso louvor”, ²ao qual deve ser acrescentado o salmo terceiro e o “Glória”. ³Depois desse, o salmo nonagésimo quarto, com antífona, ou então cantado. ⁴Segue-se o Ambrosiano e depois seis salmos com antífonas. ⁵Recitados esses e dito o versículo, o Abade dê a bênção; depois, achando-se todos sentados nos bancos sejam lidas pelos irmãos, um de cada vez, três lições do livro que está sobre a estante. Entre elas cantem-se três responsórios. ⁶Dois destes responsórios são ditos sem “Glória”, porém, depois da terceira lição, quem está cantando diga o “Glória”. ⁷Quando esse começar, levantem-se logo todos de seus assentos em honra e reverência à Santíssima Trindade. ⁸Leiam-se, nas Vigílias, os livros de autoria divina, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e também as exposições que sobre eles fizeram os Padres católicos conhecidos e ortodoxos. ⁹A essas três lições com seus responsórios, sigam-se os seis salmos restantes cantados com “Aleluia”. ¹⁰Vêm, em seguida, a lição do Apóstolo, que deve ser recitada de cor, o versículo e a súplica da litania, isto é, “Kyrie eleison”, ¹¹e assim terminem as Vigílias noturnas.

10 - Como será celebrado no verão o louvor divino

¹De Páscoa até primeiro de novembro, mantenha-se, quanto à salmodia, a mesma medida acima determinada; ²as lições do livro, porém, por causa da brevidade das noites, não são lidas; em lugar dessas três lições, seja recitada de memória uma do Antigo Testamento, seguida de responsório breve, ³e cumpram-se todas as outras coisas como ficou dito acima, isto é: que nunca se digam nas Vigílias noturnas, menos de doze salmos além do terceiro e do nonagésimo quarto.

11 - Como serão celebradas as Vigílias aos domingos

¹Aos domingos, levante-se mais cedo para as Vigílias, ²nas quais se mantenha a mesma medida já referida, isto é: modulados, conforme dispusemos acima, seis salmos e o versículo, e estando todos convenientemente e pela ordem assentados nos bancos, leiam-se no livro, como já mencionamos, quatro lições com seus responsórios; ³só o quarto responsório é dito por quem está cantando o “Gloria”, ao começo do qual se levantem todos com reverência. ⁴A essas lições sigam-se, por ordem, outros seis salmos com antífonas, como os anteriores, e o versículo. ⁵Terminados esses, voltam-se a ler outras quatro lições com seus responsórios, na mesma ordem que acima. ⁶Em seguida, digam-se três cânticos dos Profetas que o Abade determinar, os quais sejam salmodiados com “Aleluia”. ⁷Dito também o versículo, sejam lidas com a bênção do Abade outras quatro lições do Novo Testamento, na mesma ordem que acima. ⁸Depois do quarto responsório o abade entoia o hino “Te Deum laudamus”. ⁹Uma vez terminado, leia o Abade o Evangelho, permanecendo todos de pé com reverência e temor. ¹⁰Quando essa leitura terminar, respondam todos: “Amém”; e o abade prossegue logo com o hino “Te decet laus”, e, dada a bênção, comecem as Matinas. ¹¹Essa disposição das Vigílias para o domingo deve ser mantida, como está, em todo tempo, tanto no verão quanto no inverno, ¹²a não ser que, por acaso, e que tal não aconteça, os monges se levantem mais tarde e se tenha de abreviar algo das lições ou dos responsórios. ¹³Haja, porém, todo o cuidado para que isso não venha a suceder; se, porém, acontecer, satisfaça dignamente a Deus no oratório, aquele por cuja culpa veio esse fato a verificar-se.

12 - Como será realizada a solenidade das matinas

¹Nas Matinas de domingo, ²diga-se em primeiro lugar o salmo sexagésimo sexto, sem antífona, em tom direto. Diga-se, depois, o quinquagésimo, com “Aleluia”. ³Em seguida, o centésimo décimo sétimo e o sexagésimo segundo; ⁴seguem-se então os “Benedicite”, e os “Laudate”, uma lição do Apocalipse de cor, o responsório, o ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a litania, e está terminado.

13 - Como serão realizadas as matinas em dia comum

¹Nos dias comuns, porém, a solenidade das Matinas seja assim realizada, ²a saber: recita-se o salmo sexagésimo sexto sem antífona, um tanto lentamente, como no domingo, de modo que todos cheguem para o quinquagésimo, o qual deve ser recitado com antífona. ³Depois desse,

recitem-se outros dois salmos, segundo o costume, isto é, ⁴segunda-feira, o quinto e o trigésimo quinto; ⁵terça-feira, o quadragésimo segundo e o quinquagésimo sexto; ⁶quarta-feira, o sexagésimo terceiro e o sexagésimo quarto; ⁷quinta-feira, o octogésimo sétimo e o octogésimo nono; ⁸sexta-feira, o septuagésimo quinto e o nonagésimo primeiro; ⁹sábado, o centésimo quadragésimo segundo e o cântico do Deuteronômio, que deve ser dividido em dois “Gloria”. ¹⁰Nos outros dias, diga-se um cântico dos Profetas, um para cada dia, como canta a Igreja Romana. ¹¹A esses seguem-se os “Laudate”, depois uma lição do Apóstolo recitada de memória, o responsório, o ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a litania, e está completo.

¹²Não termine, de forma alguma, o ofício da manhã ou da tarde sem que o superior diga, em último lugar, por inteiro e de modo que todos ouçam, a oração dominical, por causa dos espinhos de escândalos que costumam surgir, ¹³de maneira que, interpelados os irmãos pela promessa da própria oração que estão rezando: “perdoai-nos assim como nós perdoamos”, se preservem de tais vícios. ¹⁴Nos demais ofícios diga-se a última parte dessa oração, de modo a ser respondido por todos: “Mas livrai-nos do mal”.

14 - Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos

¹Nas festas dos Santos e em todas as solenidades, proceda-se do mesmo modo que indicamos para o domingo ²exceto que, quanto aos salmos, antifonas e lições, sejam ditos os que pertencem à própria festa; mantenha-se, porém, a mesma disposição acima descrita.

15 - Em quais épocas será dito o Aleluia

¹Da Santa Páscoa até Pentecostes, diga-se sem interrupção o “Aleluia” tanto nos salmos como nos responsórios. ²De Pentecostes até o início da Quaresma, diga-se todas as noites, mas somente com os seis últimos salmos dos noturnos. ³Em todo domingo, fora da Quaresma, digam-se com “Aleluia” os Cânticos, as Matinas, Prima, Terça, Sexta e Noa; entretanto, as Vésperas sejam ditas com antifona. ⁴Quanto aos responsórios, nunca são ditos com “Aleluia”, a não ser de Páscoa até Pentecostes.

16 - Como serão celebrados os ofícios durante o dia

¹Diz o Profeta: “Louvei-vos sete vezes por dia”. ²Assim, também nós realizaremos esse sagrado número, se, por ocasião das Matinas, Prima,

Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas, cumprirmos os deveres da nossa servidão; ³porque foi destas Horas do dia que ele disse: “Louvei-vos sete vezes por dia”. ⁴Quanto às Vigílias noturnas, diz da mesma forma o mesmo profeta: “Levantava-me no meio da noite para louvar-vos”. ⁵Rendamos, portanto, nessas horas, louvores ao nosso Criador “sobre os juízos da sua justiça”, isto é, nas Matinas, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas; e à noite, levantemo-nos para louvá-Lo.

17 - Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas

¹Já dispusemos a Ordem da Salmodia, dos Noturnos e das Matinas; vejamos agora a das Horas seguintes. ²À Hora de Prima sejam ditos: três salmos separadamente, não sob um só “Gloria”, ³e o hino da mesma Hora, que virá depois do versículo “Ó Deus, vinde em meu auxílio” e antes que sejam começados os salmos. ⁴Terminados os três salmos, recitem-se uma lição, o versículo, “Kyrie eleison”, e façam-se as orações finais. ⁵Terça, Sexta, e Noa sejam celebradas segundo a mesma ordem, isto é: versículo, hinos de cada uma das Horas, três salmos, lição e versículo, “Kyrie eleison” e as orações finais. ⁶Se a comunidade for grande, sejam os salmos cantados com antifona; se for pequena, em tom direto. ⁷A sinaxe vespertina consta de quatro salmos com antifonas; ⁸depois dos quais deve ser recitada uma lição; em seguida o responsório, o ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a litania, a oração dominical e as orações finais. ⁹As Completas compreendem a recitação de três salmos, que devem ser ditos em tom direto, sem antifona; ¹⁰Depois deles, o hino da mesma Hora, uma lição, o versículo, o “Kyrie eleison”, a bênção e as orações finais.

18 - Em que ordem os salmos devem ser ditos

¹Diga-se o versículo: “Ó Deus, vinde em meu auxílio; apressai-vos, Senhor, em socorrer-me”, o Glória, e depois o Hino de cada uma das Horas. ²Em seguida, na hora de Prima do domingo, devem ser ditas quatro divisões do salmo centésimo décimo oitavo; ³nas demais Horas, isto é, Terça, Sexta e Noa digam-se três divisões do referido salmo centésimo décimo oitavo. ⁴Na Prima da Segunda feira, digam-se três salmos, a saber: o primeiro, o segundo e o sexto. ⁵E assim em cada dia, até o domingo, digam-se na Prima, por ordem, três salmos até o décimo nono; de tal modo que sejam divididos em dois o salmo nono e o décimo sétimo. ⁶E faça-se assim, para que sempre se comecem as Vigílias do domingo pelo vigésimo. ⁷Na Terça, Sexta e Noa da segunda-feira, digam-se as nove divisões que

restam do salmo centésimo décimo oitavo, três em cada Hora. ⁸Percorrido, portanto, o salmo centésimo décimo oitavo nos dois dias - domingo e segunda-feira, 9já na Terça, Sexta e Noa da terça-feira, salmodiam-se três salmos de cada vez, do centésimo décimo nono até o centésimo vigésimo sétimo, isto é, nove salmos. ¹⁰Repitam-se sempre esses salmos pelas mesmas Horas até o domingo, conservando-se de maneira uniforme e todos os dias a disposição dos hinos, bem assim como a das lições e versículos; ¹¹e, assim sendo, comece-se sempre no domingo com o centésimo décimo oitavo.

¹²As Vésperas sejam cantadas diariamente pela modulação de quatro salmos. ¹³Esses salmos vão do centésimo nono até o centésimo quadragésimo sétimo, ¹⁴excetuados alguns que dentre esses foram tirados para outras Horas, isto é, do centésimo décimo sétimo ao centésimo vigésimo sétimo, mais o centésimo trigésimo terceiro e o centésimo quadragésimo segundo; ¹⁵todos os demais devem ser ditos nas Vésperas. ¹⁶Como, porém, ficam faltando três salmos, devem ser divididos os mais longos dentre os supracitados, isto é, o centésimo trigésimo oitavo, o centésimo quadragésimo terceiro e o centésimo quadragésimo quarto. ¹⁷O centésimo décimo sexto, por ser pequeno, seja unido ao centésimo décimo quinto. ¹⁸Distribuída, pois, a ordem dos salmos vespertinos, quanto ao restante - isto é, a lição, o responsório, o hino, o versículo e o cântico - proceda-se como determinamos acima. ¹⁹Nas Completas, repitam-se todos os dias os mesmos salmos: o quarto, o nonagésimo e o centésimo trigésimo terceiro.

²⁰Disposta a ordem da salmodia diurna, distribuam-se igualmente todos os salmos que restam, pelas sete Vigílias da noite, ²¹partindo-se, naturalmente, os que, dentre eles forem mais longos e estabelecendo-se doze para cada noite.

²²Advertimos de modo especial que, se porventura essa distribuição dos salmos não agradar a alguém, que ordene como achar melhor; ²³mas, seja como for, atenda a que seja salmodiado cada semana, integralmente, o saltério de cento e cinquenta salmos e que se comece sempre, de novo, nas Vigílias do domingo, ²⁴porque os monges que, no decurso da semana, recitam menos do que o saltério com os cânticos costumeiros revelam ser por demais frouxo o serviço de sua devoção. ²⁵Pois lemos que os nossos santos Pais realizavam, corajosamente, em um só dia isso que oxalá nós indolentes, cumprimos no decorrer de toda uma semana.

19 - Da maneira de salmodiar

¹Creemos estar em toda parte a presença divina e que “os olhos do Senhor veem em todo lugar os bons e os maus”. ²Creiamos nisso principalmente e

sem dúvida alguma, quando estamos presentes ao Ofício Divino. ³Lembremo-nos, pois, sempre, do que diz o Profeta: “Servi ao Senhor no temor”. ⁴E também: “Salmodiai sabiamente”. ⁵E ainda: “Cantar-vos-ei em face dos anjos”. ⁶Consideremos, pois, de que maneira cumpre estar na presença da Divindade e de seus anjos; ⁷e tal seja a nossa presença na salmodia, que nossa mente concorde com nossa voz.

20 - Da reverência na oração

¹Se queremos sugerir alguma coisa aos homens poderosos, não ousamos fazê-lo a não ser com humildade e reverência; ²quanto mais não se deverá empregar toda a humildade e pureza de devoção para suplicar ao Senhor Deus de todas as coisas? ³E saibamos que seremos ouvidos, não com o muito falar, mas com a pureza do coração e a compunção das lágrimas. ⁴Por isso, a oração deve ser breve e pura, a não ser que, por ventura, venha a prolongar-se por um afeto de inspiração da graça divina. ⁵Em comunidade, porém, que a oração seja bastante abreviada e, dado o sinal pelo superior, levantem-se todos ao mesmo tempo.

21 - Dos decanos do mosteiro

¹Se a comunidade for numerosa, sejam escolhidos, dentre os seus membros, irmãos de bom testemunho e de vida monástica santa, e constituídos Decanos; ²empreguem sua solicitude em tudo o que diz respeito às suas decanias, conforme os mandamentos de Deus e os preceitos do seu Abade. ³Que os Decanos eleitos sejam tais que possa o Abade, com segurança, repartir com eles o seu ônus; ⁴e não sejam escolhidos pela ordem na comunidade, mas segundo o mérito da vida e a doutrina da sabedoria. ⁵Se algum dentre os Decanos, acaso inchado por qualquer soberba, for julgado merecedor de repreensão, seja repreendido uma, duas, até três vezes; se não quiser emendar-se seja destituído ⁶e ponha-se em seu lugar outro que seja digno. ⁷O mesmo determinamos a respeito do Prior.

22 - Como devem dormir os monges

¹Durma cada um em uma cama. ²Tenham seus leitos de acordo com o modo de viver monástico e conforme o abade distribuir. ³Se for possível, durmam todos num mesmo lugar; se, porém, o número não o permitir, durmam aos grupos de dez ou vinte, em companhia de monges mais velhos que sejam solícitos para com eles. ⁴Esteja acesa nesse recinto uma candeia sem interrupção, até o amanhecer. ⁵Durmam vestidos e cingidos

com cintos ou cordas, mas de forma que não tenham, enquanto dormem, as facas a seu lado, a fim de que não venham elas a ferir, durante o sono, quem está dormindo; ⁶e de modo que estejam os monges sempre prontos e, assim, dado o sinal, levantando-se sem demora, apressem-se mutuamente e antecipem-se no Ofício Divino, porém com toda gravidade e modéstia. ⁷Que os irmãos mais jovens não tenham leitos juntos, mas intercalados com os dos mais velhos. ⁸Levantando-se para o Ofício Divino chamem-se mutuamente, para que não tenham desculpas os sonolentos; façam-no, porém, com moderação.

23 - Da excomunhão pelas faltas

¹Se houver algum irmão teimoso ou desobediente, soberbo ou murmurador, ou em algum modo contrário à santa Regra, e desprezador dos preceitos dos seus superiores, ²seja ele admoestado, conforme o preceito de nosso Senhor, a primeira e a segunda vez, em particular pelos seus superiores. ³Se não se emendar, seja repreendido publicamente, diante de todos. ⁴Se porém, nem assim se corrigir sofra a excomunhão, caso possa compreender o que seja essa pena. ⁵Se, entretanto, está de ânimo endurecido, seja submetido a castigo corporal.

24 - Qual deve ser o modo de proceder-se à excomunhão

¹A medida tanto da excomunhão como da disciplina, deve regular-se segundo a espécie da falta, ²e esta espécie das faltas está sob critério do julgamento do abade. ³Se algum irmão incorrer em faltas mais leves, seja privado da participação à mesa. ⁴Será este o proceder de quem está privado da mesa: não entoe salmo, nem antífona no oratório, nem recite lição até que tenha sido dada a devida satisfação. ⁵Receba sozinho a sua refeição depois da refeição dos irmãos; ⁶de modo que, por exemplo, se os irmãos vão tomar a refeição à hora sexta, aquele irmão o fará à hora nona; se os irmãos à nona, ele à hora de Vésperas, ⁷até que tenha obtido o perdão por conveniente satisfação.

25 - Das faltas mais graves

¹Que seja suspenso da mesa e também do oratório o irmão culpado de faltas mais graves. ²Que nenhum irmão se junte a ele em nenhuma espécie de relação, nem para lhe falar. ³Esteja sozinho no trabalho que lhe for determinado, permanecendo no luto da penitência, ciente daquela terrível sentença do Apóstolo que diz: ⁴“Este homem foi assim entregue à morte da carne para que seu espírito se salve no dia do Senhor”. ⁵Faça a

sós a sua refeição na medida e na hora que o Abade julgar convenientes, ⁶não seja abençoado por ninguém que por ele passe, nem também a comida que lhe é dada.

26 - Dos que sem autorização se juntam aos excomungados

¹Se algum irmão ousar juntar-se, de qualquer modo, ao irmão excomungado sem ordem do Abade, ou de falar com ele ou mandar-lhe um recado, ²aplique-se-lhe o mesmo castigo de excomunhão.

27 - Como deve o Abade ser solícito para com os excomungados

¹Cuide o Abade com toda a solícitude dos irmãos que caírem em faltas, porque “não é para os sadios que o médico é necessário, mas para os que estão doentes”. ²Por isso, como sábio médico, deve usar de todos os meios, enviar “simpectas”, isto é, irmãos mais velhos e sábios ³que, em particular, consolem o irmão flutuante e o induzam a uma humilde satisfação, o consolem “para que não seja absorvido por demasiada tristeza”, ⁴mas, como diz ainda o Apóstolo, “confirme-se a caridade para com ele”, e rezem todos por ele.

⁵O Abade deve, pois, empregar extraordinária solícitude e deve empenhar-se com toda sagacidade e indústria, para que não perca alguma das ovelhas a si confiadas. ⁶Reconhecerá, pois, ter recebido a cura das almas enfermas, e não a tirania sobre as sãs; ⁷tema a ameaça do profeta, através da qual Deus nos diz: “o que víeis gordo assumíeis e o que era fraco lançáveis fora”. ⁸Imite o pio exemplo do bom pastor que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, saiu a procurar uma única ovelha que desgarrara, ⁹de cuja fraqueza a tal ponto se compadeceu, que se dignou colocá-la em seus sagrados ombros e assim trazê-la de novo ao aprisco.

28 - Daqueles que muitas vezes corrigidos não quiserem emendar-se

¹Se algum irmão frequentes vezes corrigido por qualquer culpa não se emendar, nem mesmo depois de excomungado, que incida sobre ele uma correção mais severa, isto é, use-se o castigo das varas. ²Se nem assim se corrigir, ou se por acaso, o que não aconteça, exaltado pela soberba, quiser mesmo defender suas ações, faça então o Abade como sábio médico: ³se aplicou as fomentações, os unguentos das exortações, os medicamentos das divinas Escrituras e enfim a cauterização da excomunhão e das pancadas de vara ⁴e vir que nada obtém com sua in-

dústria, aplique então o que é maior: a sua oração e a de todos os irmãos por ele, ⁵para que o Senhor, que tudo pode, opere a salvação do irmão enfermo. ⁶Se nem dessa maneira se curar, use já agora o Abade o ferro da amputação, como diz o Apóstolo: “Tirai o mal do meio de vós” e também: ⁷“Se o infiel se vai, que se vá”, ⁸a fim de que uma ovelha enferma não contage todo o rebanho.

29 - Se devem ser novamente recebidos os irmãos que saem do mosteiro

¹O irmão que sai do mosteiro por culpa própria, se quiser voltar, prometa, antes, uma completa emenda do vício que foi a causa de sua saída, ²e então seja recebido no último lugar, para que assim se prove a sua humildade. ³Se de novo sair, seja assim recebido até três vezes, já sabendo que depois lhe será negado todo caminho de volta.

30 - De que maneira serão corrigidos os de menor idade

¹Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias. ²Por isso, os meninos e adolescentes ou os que não podem compreender que espécie de pena é, na verdade, a excomunhão, ³quando cometem alguma falta, sejam afligidos com muitos jejuns ou castigados com ásperas varas, para que se curem.

31 - Como deve ser o Celeireiro do mosteiro

¹Seja escolhido para Celeireiro do mosteiro, dentre os membros da comunidade, um irmão sábio, maduro de caráter, sóbrio, que não coma muito, não seja orgulhoso, nem turbulento, nem injuriador, nem tardo, nem pródigo, ²mas temente a Deus; que seja como um pai para toda a comunidade. ³Tome conta de tudo; ⁴nada faça sem ordem do Abade. ⁵Cumpra o que for ordenado. ⁶Não entristeça seus irmãos. ⁷Se algum irmão, por acaso, lhe pedir alguma coisa desarrazoadamente, não o entristeça desprezando-o, mas negue, razoavelmente, com humildade, ao que pede mal. ⁸Guarde a sua alma, lembrando-se sempre daquela palavra do Apóstolo: “Quem tiver administrado bem, terá adquirido para si um bom lugar”. ⁹Cuide com toda solicitude dos enfermos, das crianças, dos hóspedes e dos pobres, sabendo, sem dúvida alguma, que deverá prestar contas de todos esses, no dia do juízo. ¹⁰Veja todos os objetos do mosteiro e demais utensílios como vasos sagrados do altar. ¹¹Nada negligencie. ¹²Não se entregue à avareza, nem seja pródigo e esbanjador dos bens do mosteiro; mas faça tudo com medida e conforme a ordem do Abade.

¹³Tenha antes de tudo humildade e não possuindo a coisa com que atender a alguém, entregue-lhe como resposta uma boa palavra, ¹⁴conforme o que está escrito: “A boa palavra está acima da melhor dádiva”. ¹⁵Mantenha sob seus cuidados tudo o que o Abade determinar, não presuma, porém, a respeito do que lhe tiver proibido. ¹⁶Ofereça aos irmãos a parte estabelecida para cada um, sem arrogância ou demora, a fim de que não se escandalizem, lembrado da palavra divina sobre o que deve merecer “quem escandalizar um destes pequeninos”. ¹⁷Se a comunidade for numerosa, sejam-lhe dados auxiliares com a ajuda dos quais cumpra, com o espírito em paz, o ofício que lhe foi confiado. ¹⁸Às horas convenientes seja dado o que deve ser dado e pedido o que deve ser pedido, ¹⁹para que ninguém se perturbe nem se entristeça na casa de Deus.

32 - Das ferramentas e objetos do mosteiro

¹Quanto aos utensílios do mosteiro em ferramentas ou vestuário, ou quaisquer outras coisas, procure o Abade irmãos de cuja vida e costumes esteja seguro ²e, como julgar útil, consigne-lhes os respectivos objetos para tomar conta e recolher. ³Mantenha o abade um inventário desses objetos, para que saiba o que dá e o que recebe, à medida que os irmãos se sucedem no desempenho do que lhes for incumbido. ⁴Se algum deixar as coisas do mosteiro sujas ou as tratar negligentemente, seja repreendido; ⁵se não se emendar, seja submetido à disciplina regular.

33 - Se os monges devem possuir alguma coisa de próprio

¹Especialmente este vício deve ser cortado do mosteiro pela raiz; ²ninguém ouse dar ou receber alguma coisa sem ordem do Abade, ³nem ter nada de próprio, nada absolutamente, nem livro, nem tabuinhas, nem estilete, absolutamente nada, ⁴já que não lhes é lícito ter a seu arbítrio nem o próprio corpo nem a vontade; ⁵porém, todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido. ⁶Seja tudo comum a todos, como está escrito, nem diga nem tenha alguém a presunção de achar que alguma coisa lhe pertence. ⁷Se for surpreendido alguém a deleitar-se com este péssimo vício, seja admoestado primeira e segunda vez, ⁸se não se emendar, seja submetido à correção.

34 - Se todos devem receber igualmente o necessário

¹Como está escrito, repartia-se para cada um conforme lhe era necessário. ²Não dizemos, com isso, que deva haver acepção de pessoas, o que não

aconteça, mas sim consideração pelas fraquezas, ³de forma que quem precisar de menos dê graças a Deus e não se entristeça por isso; ⁴quem precisar de mais, humilhe-se em sua fraqueza e não se orgulhe por causa da misericórdia que obteve. ⁵E, assim, todos os membros da comunidade estarão em paz. ⁶Antes de tudo, que não surja o mal da murmuração em qualquer palavra ou atitude, seja qual for a causa. ⁷Se alguém for assim surpreendido, seja submetido a castigo mais severo.

35 - Dos semanários da cozinha

¹Que os irmãos se sirvam mutuamente e ninguém seja dispensado do ofício da cozinha, a não ser no caso de doença ou se se tratar de alguém ocupado em assunto de grande utilidade; ²pois por esse meio se adquire maior recompensa e caridade. ³Para os fracos, arranjem-se auxiliares, a fim de que não o façam com tristeza; ⁴ainda conforme o estado da comunidade e a situação do lugar, que todos tenham auxiliares. ⁵Se a comunidade for numerosa, seja o Celeireiro dispensado da cozinha, e também, como dissemos, os que estiverem ocupados em assuntos de maior utilidade. ⁶Os demais sirvam-se mutuamente na caridade. ⁷O que vai terminar sua semana faça, no sábado, a limpeza; ⁸lavem as toalhas com que os irmãos enxugam as mãos e os pés; ⁹ambos, tanto o que sai como o que entra, lavem os pés de todos. ¹⁰Devolva aquele ao Celeireiro os objetos do seu ofício, limpos e perfeitos; ¹¹entregue-os outra vez o Celeireiro ao que entra, para que saiba o que dá e o que recebe.

¹²Os semanários recebam, uma hora antes da refeição, além da porção estabelecida, um pouco de pão e algo para beber, ¹³a fim de que, na hora da refeição, sirvam a seus irmãos sem murmurar e sem grande cansaço; ¹⁴no entanto, nos dias solenes, esperem até depois da Missa. ¹⁵No domingo, logo que acabem as Matinas, os semanários que entram e os que saem prostrem-se no oratório, aos pés de todos, pedindo que orem por eles. ¹⁶Aquele que termina a semana diga o seguinte versículo: “Bendito é o Senhor Deus que me ajudou e consolou”. ¹⁷Dito isso três vezes e recebida a bênção, sai; prossiga o que começa a semana, dizendo: “Ó Deus vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me”. ¹⁸Também isso seja repetido três vezes por todos e, recebida a bênção, entre no seu ofício.

36 - Dos irmãos enfermos

¹Antes de tudo e acima de tudo deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva como verdadeiramente ao Cristo, ²pois Ele disse: “Fui enfermo e visitastes-me” ³e “Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a

mim o fizestes”. ⁴Mas que os próprios enfermos considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem. ⁵No entanto, devem os doentes ser levados pacientemente, porque por meio deles se adquire recompensa mais copiosa. ⁶Portanto, tenha o abade o máximo cuidado para que não sofram nenhuma negligência. ⁷Haja uma cela destinada especialmente a estes irmãos enfermos, e um servo temente a Deus, diligente e solícito. ⁸O uso dos banhos seja oferecido aos doentes sempre que convém; mas aos sãos, e sobretudo aos jovens, seja raramente concedido. ⁹Também a alimentação de carnes seja concedida aos enfermos por demais fracos, para que se restabeleçam, mas logo que tiverem melhorado abstenham-se todos de carnes, como de costume. ¹⁰Que tenha, pois, o Abade o máximo cuidado em que os enfermos não sejam negligenciados nem pelos Celeireiros nem pelos que lhes servem, pois sobre ele recai qualquer falta que tenha sido cometida pelos discípulos.

37 - Dos velhos e das crianças

¹Ainda que a própria natureza humana seja levada à misericórdia para com estas idades, velhos e crianças, no entanto que a autoridade da Regra olhe também por eles. ²Considere-se sempre a fraqueza que lhes é própria, e não se mantenha para com eles o rigor da Regra no que diz respeito aos alimentos; ³haja sim, em relação a eles, uma pia consideração e tenham antecipadas as horas regulares.

38 - Do leitor semanário

¹Às mesas dos irmãos não deve faltar a leitura; não deve ler aí quem quer que, por acaso, se apodere do livro, mas sim o que vai ler durante toda a semana, a começar do domingo. ²Depois da Missa e da Comunhão, peça a todos que orem por ele para que Deus afaste dele o espírito de soberba. ³No oratório, recitem todos, por três vezes, o seguinte versículo, iniciando-o o próprio leitor: “Abri, Senhor, os meus lábios, e minha boca anunciará vosso louvor”; ⁴e tendo assim recebido a bênção, entre a ler. ⁵Faça-se o máximo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo. ⁶Quanto às coisas que são necessárias aos que estão comendo e bebendo, sirvam-se mutuamente os irmãos, de tal modo que ninguém precise pedir coisa alguma. ⁷Se porém se precisar de qualquer coisa, seja antes pedida por algum som ou sinal do que, por palavra. ⁸Nem ouse alguém fazer alguma pergunta sobre a leitura, ou outro assunto qualquer, para que se não dê ocasião, ⁹a não ser que o superior, porventura, queira dizer, brevemente, alguma coisa, para edificação. ¹⁰O

leitor semanário, antes de começar a ler, recebe o “misto” por causa da Comunhão e para que não aconteça ser-lhe pesado suportar o jejum; ¹¹faça, porém, depois, a refeição com os semanários da cozinha e os serventes. ¹²Não leiam nem cantem os irmãos segundo a ordem da comunidade, mas façam-no aqueles que edificam os ouvintes.

39 - Da medida da comida

¹Creemos que são suficientes para a refeição cotidiana, quer seja esta à sexta ou à nona hora, em todas as mesas, dois pratos de cozidos, por causa das fraquezas de muitos, ²a fim de que aquele que não puder, por acaso, comer de um prato, coma do outro. ³Portanto dois pratos de cozidos bastem a todos os irmãos; e se houver frutas ou legumes frescos, sejam acrescentados em terceiro lugar. ⁴Seja suficiente uma libra de pão bem pesada, para o dia todo, quer haja uma só refeição, quer haja jantar e ceia. ⁵Se houver ceia, seja guardada pelo Celeireiro a terça parte da libra e entregue aos que vão cear. ⁶Mas, se por acaso tiverem feito um trabalho maior, estará ao critério e em poder do Abade acrescentar, se convier, alguma coisa, ⁷afastados antes de mais nada excessos de comida, e de modo que nunca sobrevenha ao monge a indigestão, ⁸porque nada é tão contrário a tudo o que é cristão como os excessos na comida, ⁹conforme diz Nosso Senhor: “Cuidai que os vossos corações não se tornem pesados pela gula”. ¹⁰Aos meninos de pouca idade não se sirva a mesma quantidade, mas sim menos que aos maiores, guardada em tudo a sobriedade. ¹¹Abstenham-se todos completamente de carnes de quadrúpedes, exceto os doentes demasiadamente fracos.

40 - Da medida da bebida

¹Cada um recebe de Deus um dom particular, este de um modo, aquele de outro; ²por isso, é com algum escrúpulo que estabelecemos nós a medida para a alimentação de outros; ³no entanto, atendendo à necessidade dos fracos, achamos ser suficiente, para cada um, uma hêmina de vinho por dia. ⁴Aqueles, porém, aos quais Deus dá a força de tolerar a abstinência, saibam que receberão recompensa especial. ⁵Se a necessidade do lugar, o trabalho ou o rigor do verão exigir mais, fique ao arbítrio do superior, considerando em tudo que não sobrevenha saciedade ou embriaguez. ⁶Ainda que leiamos não ser absolutamente próprio dos monges fazer uso do vinho, como em nossos tempos disso não se podem persuadir os monges, ao menos convenhamos em que não bebamos até a saciedade, mas parcamente, ⁷porque “o vinho faz apostatar mesmo os sábios”. ⁸Onde, porém, a necessidade do lugar exigir que nem a

referida medida se possa encontrar, mas muito menos ou absolutamente nada, bendigam a Deus os que ali vivem e não murmurem: ⁹antes de tudo exortamo-los a que vivam sem murmurações.

41 - A que horas convém fazer as refeições

¹Da Santa Páscoa até Pentecostes, façam os irmãos a refeição à hora sexta e ceiem à tarde. ²A partir de Pentecostes, entretanto, por todo o verão, se os monges não têm os trabalhos dos campos ou não os perturba o excesso do verão, jejuem quarta e sexta-feira até a hora nona; ³nos demais dias jantem à hora sexta. ⁴Se tiverem trabalho nos campos ou se o rigor do verão for excessivo, o jantar deve ser mantido à hora sexta: ao Abade caiba tomar a providência. ⁵E, assim, que tempere e disponha tudo, de modo que as almas se salvem e que façam os irmãos, sem justa murmuração, o que têm de fazer. ⁶De 14 de setembro até o início da Quaresma façam a refeição sempre à hora nona. ⁷Durante a Quaresma, entretanto, até a Páscoa façam-na à hora de Vésperas. ⁸Sejam essas celebradas de tal modo, que os irmãos não precisem, à refeição, da luz de uma lâmpada, mas que tudo esteja terminado com a luz do dia. ⁹E mesmo em todas as épocas esteja tanto a hora da Ceia como a do jantar de tal modo disposta, que tudo se faça sob a luz do dia.

42 - Que ninguém fale depois das Completas

¹Os monges devem, em todo tempo, esforçar-se por guardar o silêncio, mas principalmente nas horas da noite. ²Por isso, em qualquer época do ano, seja de jejum, seja a época em que há jantar; ³se for época em que há jantar, logo que se levantarem da refeição, sentem-se todos juntos e leia um deles as Colações ou as “Vidas dos Pais”, ou mesmo outra coisa que edifique os ouvintes; ⁴não, porém, o Heptateuco ou o livro dos Reis, porque não seria útil, às inteligências fracas, ouvir essas partes da Escritura, nesta hora; sejam lidas, porém, em outras horas. ⁵Se, entretanto, for dia de jejum, recitadas as Vésperas, depois de pequeno intervalo, dirijam-se logo para a leitura das Colações, conforme dissemos; ⁶e, lidas quatro ou cinco folhas ou quanto a hora permitir, ⁷reúnam-se todos os que vão chegando no decorrer da leitura, isto no caso de alguém ter ficado ocupado em ofício que lhe fora confiado. ⁸Estando, pois, todos juntos, recitem as Completas; saindo das Completas, não haja mais licença para ninguém falar o que quer que seja. ⁹Se alguém for encontrado transgredindo esta regra do silêncio, seja submetido a severo castigo; ¹⁰exceto se sobrevier alguma necessidade da parte dos hóspedes ou se, por acaso, o Abade ordenar alguma coisa a alguém. ¹¹Mas mesmo isso

seja feito com suma gravidade e honestíssima moderação.

43 - Dos que chegam tarde ao Ofício Divino ou à mesa

¹Na hora do Ofício Divino, logo que for ouvido o sinal, deixando tudo que estiver nas mãos, corra-se com toda a pressa, ²mas com gravidade, para que a escurtilidade não encontre incentivo. ³Portanto nada se anteponha ao Ofício Divino.

⁴Se alguém chegar às Vigílias noturnas depois do “Glória” do salmo nonagésimo quarto, que, por isso, queremos que seja dito de modo muito prolongado e vagarosamente, não fique no lugar de sua ordem no coro, ⁵mas no último de todos ou em lugar à parte determinado pelo Abade para tais negligentes, a fim de que sejam vistos por ele e por todos; ⁶até que, terminado o Ofício Divino, faça penitência por pública satisfação. ⁷Se achamos que devem ficar no último lugar ou em lugar separado, é para que, vistos por todos, ao menos, pela própria vergonha, se emendem.

⁸Pois se permanecessem fora do oratório, haveria talvez algum que ou se acomodaria novamente e dormiria, ou então se assentaria do lado de fora, ou se entregaria a conversas e daria ocasião ao maligno; ⁹entrem, pois, no recinto para que nem tudo percam e daí por diante, se emendem. ¹⁰Nas Horas diurnas, o que ainda não tiver chegado ao Ofício Divino depois do versículo e do “Glória” do primeiro salmo que se diz depois do referido versículo, fique no último lugar, conforme a lei que estabelecemos acima: ¹¹nem presuma associar-se ao coro dos que salmodiam, até que tenha feito satisfação, a não ser que o Abade, pelo seu perdão, dê licença, ¹²mas, ainda assim, que o culpado satisfaça por essa falta.

¹³Quanto à mesa, quem não tiver chegado antes do versículo, de modo que todos digam o versículo e orem juntos e se sentem ao mesmo tempo à mesa - ¹⁴quem não tiver chegado a tempo, por negligência ou culpa, seja castigado por este motivo até duas vezes; ¹⁵se de novo não se emendar, não lhe seja permitida a participação à mesa comum, mas faça a refeição a sós, ¹⁶separado do consórcio de todos, sendo-lhe tirada a porção de vinho, até que tenha feito satisfação, e se tenha emendado. ¹⁷Seja tratado da mesma forma quem não estiver presente ao versículo que se diz depois da refeição. ¹⁸E ninguém presuma servir-se de algum alimento ou bebida antes ou depois da hora estabelecida. ¹⁹Mas quanto àquele que não quis aceitar alguma coisa que lhe tenha sido oferecida pelo superior, na hora em que desejar aquilo que antes recusou ou outra coisa qualquer, absolutamente nada receba, até conveniente emenda.

44 - Como devem fazer satisfação os que tiverem sido excomungados

¹Aquele que por culpas graves tiver sido excomungado do oratório e da mesa, na hora em que no oratório se termina o Ofício Divino, permaneça prostrado diante das portas do oratório, sem nada dizer, ²com o rosto em terra, estendido e inclinado aos pés de todos os que saem do oratório. ³E faça isso por tanto tempo, até julgar o Abade que já está feita a satisfação. ⁴Quando vier a ordem do Abade, lance-se aos pés do mesmo Abade e depois aos de todos, para que rezem por ele. ⁵E, então, se o Abade mandar, seja recebido no coro, no lugar de ordem que o Abade determinar; ⁶mas de tal modo que não presuma entoar, no oratório, salmo ou lição ou o que quer que seja, sem que, de novo o Abade ordene. ⁷E em todas as Horas, ao terminar o Ofício Divino, prostre-se por terra, no lugar onde estiver; ⁸e assim dê satisfação até que, de novo, lhe ordene o Abade que cesse daí por diante essa satisfação. ⁹Aqueles que, por culpas leves, são excomungados apenas da mesa, façam satisfação no oratório, até a ordem do Abade. ¹⁰Façam-na até que o Abade os abençoe e diga: Basta.

45 - Dos que erram no oratório

¹Se alguém errar quando recitar um salmo, responsório, antífona ou lição, e se não se humilhar, ali mesmo, diante de todos por uma satisfação, sofra castigo maior, ²de vez que não quis corrigir, pela humildade, a falta que cometeu por negligência. ³As crianças por tal falta recebam pancadas.

46 - Daqueles que cometem faltas em quaisquer outras coisas

¹Se alguém, ocupado em qualquer trabalho na cozinha, no celeiro, no cumprimento de uma ordem, na padaria, na horta, enquanto trabalha em algum ofício e em qualquer lugar que seja, cometer alguma falta, ²quebrar ou perder qualquer coisa, ou exceder-se em qualquer lugar ³e não vier imediatamente, diante do abade e da comunidade, espontaneamente, satisfazer e revelar o seu delito, ⁴quando a culpa for conhecida por outro, seja submetido a maior castigo. ⁵Mas, se a causa de seu pecado estiver escondida na alma, manifeste-o somente ao abade ou aos conselheiros espirituais, ⁶a alguém que saiba curar as próprias chagas e as dos outros e não as revela e conta em público.

47 - Como deve ser dado o sinal para o Ofício Divino

¹Esteja ao cuidado do Abade o dever de anunciar a hora do Ofício Divino,

de dia e de noite; ele próprio dê o sinal ou então encarregue desse cuidado a um irmão de tal modo solícito, que todas as coisas se realizem nas horas competentes. ²Entoem os salmos e antífonas, depois do Abade, na respectiva ordem, aqueles aos quais for ordenado. ³Não presuma cantar ou ler, a não ser quem pode desempenhar esse ofício de modo que se edifiquem os ouvintes; ⁴e seja feito com humildade, gravidade e tremor por quem o Abade tiver mandado.

48 - Do trabalho manual cotidiano

¹A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual. ²Pela seguinte disposição, cremos poder ordenar os tempos dessas duas ocupações: ³isto é, que da Páscoa até o dia 14 de setembro, saindo os irmãos pela manhã, trabalhem da primeira hora até cerca da quarta, naquilo que for necessário. ⁴Da hora quarta até mais ou menos o princípio da hora sexta, entreguem-se à leitura. ⁵Depois da sexta, levantando-se da mesa, repousem em seus leitos com todo o silêncio; se acaso alguém quiser ler, leia para si, de modo que não incomode a outro.

⁶Celebre-se a Noa mais cedo, pelo fim da oitava hora, e de novo trabalhem no que for preciso fazer até a tarde. ⁷Se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso, ⁸porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como também os nossos Pais e os Apóstolos. ⁹Tudo, porém, se faça comedidamente por causa dos fracos.

¹⁰De 14 de setembro até o início da Quaresma, entreguem-se à leitura até o fim da hora segunda, ¹¹no fim da qual se celebre a Terça; e até a hora nona trabalhem todos nos afazeres que lhes forem designados. ¹²Dado o primeiro sinal da nona hora, deixem todos os seus respectivos trabalhos e preparem-se para quando tocar o sinal. ¹³Depois da refeição, entreguem-se às suas leituras ou aos salmos.

¹⁴Nos dias da Quaresma, porém, da manhã até o fim da hora terceira, entreguem-se às suas leituras, e até o fim da décima hora trabalhem no que lhes for designado. ¹⁵Nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da biblioteca e leiam-nos pela ordem e por inteiro; ¹⁶esses livros são distribuídos no início da Quaresma. ¹⁷Antes de tudo, porém, designem-se um ou dois dos mais velhos, os quais circulem no mosteiro nas horas em que os irmãos se entregam à leitura ¹⁸e verão se não há, por acaso, algum irmão tomado de acédia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros. ¹⁹Se um tal for encontrado, o que

não aconteça, seja castigado primeira e segunda vez: ²⁰se não se emendar, seja submetido à correção regular de tal modo que os demais temam. ²¹Que um irmão não se junte a outro em horas inconvenientes.

²²Também no domingo, entreguem-se todos à leitura, menos aqueles que foram designados para os diversos ofícios. ²³Se, entretanto, alguém for tão negligente ou relaxado, que não queira ou não possa meditar ou ler, determine-se-lhe um trabalho que possa fazer, para que não fique à toa.

²⁴Aos irmãos enfermos ou delicados designe-se um trabalho ou ofício, de tal sorte que não fiquem ociosos nem sejam oprimidos ou afugentados pela violência do trabalho; ²⁵a fraqueza desses deve ser levada em consideração pelo Abade.

49 - Da observância da Quaresma

¹Se bem que a vida do monge deva ser, em todo tempo, uma observância de Quaresma, ²como, porém, esta força é de poucos, por isso aconselhamos os monges a guardarem, com toda a pureza, a sua vida nesses dias de Quaresma ³e também a apagarem, nesses santos dias, todas as negligências dos outros tempos. ⁴E isso será feito dignamente, se nos preservamos de todos os vícios e nos entregamos à oração com lágrimas, à leitura, à compunção do coração e à abstinência.

⁵Acrescentemos, portanto, nesses dias, alguma coisa ao encargo habitual da nossa servidão: orações especiais, abstinência de comida e bebida; ⁶e assim ofereça cada um a Deus, de espontânea vontade, com a alegria do Espírito Santo, alguma coisa além da medida estabelecida para si; ⁷isto é: subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurrilidade, e, na alegria do desejo espiritual, espere a Santa Páscoa.

⁸Entretanto, mesmo aquilo que cada um oferece, sugira-o ao seu Abade, e seja realizado com a oração e a vontade dele, ⁹pois o que é feito sem a permissão do pai espiritual será reputado como presunção e vanglória e não como digno de recompensa. ¹⁰Portanto, tudo deve ser feito com a vontade do Abade.

50 - Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem

¹Os irmãos que se encontram em um trabalho tão distante que não podem acorrer na devida hora ao oratório, ²e tendo o Abade ponderado que assim é, ³celebrem o Ofício Divino ali mesmo onde trabalham, dobrando os joelhos, com temor divino. ⁴Da mesma forma, os que são mandados em viagem não deixem passar as horas estabelecidas, mas celebrem-nas consigo mesmos, como podem e não negligenciem cumprir com o encargo

de sua servidão.

51 - Dos irmãos que partem para não muito longe

¹Não presuma comer fora o irmão que é mandado a um afazer qualquer e que é esperado no mosteiro no mesmo dia, ainda que seja instantemente convidado por qualquer pessoa; ²a não ser que, porventura, o Abade lhe tenha dado ordem para isso. ³Se proceder de outra forma, seja excomungado.

52 - Do oratório do mosteiro

¹Que o oratório seja o que o nome indica, nem se faça ou se guarde ali coisa alguma que lhe seja alheio. ²Terminado o Ofício Divino, saiam todos com sumo silêncio e tenha-se reverência para com Deus; ³de modo que se acaso um irmão quiser rezar em particular, não seja impedido pela imoderação de outro. ⁴Se também outro, porventura, quiser rezar em silêncio, entre simplesmente e ore, não com voz clamorosa, mas com lágrimas e pureza de coração. ⁵Quem não procede desta maneira, não tenha, pois, permissão de, terminado o Ofício Divino, permanecer no oratório, como foi dito, para que outro não venha a ser perturbado.

53 - Da recepção dos hóspedes

¹Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo, pois Ele próprio irá dizer: “Fui hóspede e me recebestes”. ²E se dispense a todos a devida honra, principalmente aos irmãos na fé e aos peregrinos. ³Logo que um hóspede for anunciado, corra-lhe ao encontro o superior ou os irmãos, com toda a solicitude da caridade; ⁴primeiro, rezem em comum e assim se associem na paz. ⁵Não seja oferecido esse ósculo da paz sem que, antes, tenha havido a oração, por causa das ilusões diabólicas. ⁶Nessa mesma saudação mostre-se toda a humildade. Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, ⁷com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles.

⁸Recebidos os hóspedes, sejam conduzidos para a oração e depois sente-se com eles o superior ou quem esse ordenar. ⁹Leia-se diante do hóspede a lei divina para que se edifique e depois disso apresente-se-lhe um tratamento cheio de humanidade. ¹⁰Seja o jejum rompido pelo superior por causa dos hóspedes; a não ser que se trate de um dos dias principais de jejum, que não se possa violar; ¹¹mas os irmãos continuem a observar as normas de jejum. ¹²Que o Abade sirva a água para as mãos dos hóspedes;

¹³lave o Abade, bem assim como toda a comunidade, os pés de todos os hóspedes; ¹⁴depois de lavá-los, digam o versículo: “Recebemos, Senhor, vossa misericórdia no meio de vosso templo”. ¹⁵Mostre-se principalmente um cuidado solícito na recepção dos pobres e peregrinos, porque sobretudo na pessoa desses, Cristo é recebido; de resto o poder dos ricos, por si só, já exige que se lhes prestem honras.

¹⁶Seja a cozinha do Abade e dos hóspedes separada, de modo que os irmãos não sejam incomodados, com a chegada, em horas incertas, dos hóspedes, que nunca faltam no mosteiro. ¹⁷Entrem todos os anos para o trabalho dessa cozinha dois irmãos que desempenhem bem esse ofício.

¹⁸Sejam-lhes concedidos auxiliares quando precisarem, para que sirvam sem murmuração; e do mesmo modo, quando têm menos ocupação, deixem esse ofício, para trabalhar no que lhes for ordenado. ¹⁹E não só em relação a esses, mas em todos os ofícios do mosteiro, seja este o critério: se precisarem de auxiliares, ²⁰sejam-lhes concedidos; por outro lado, quando estão livres, obedeçam ao que lhes for ordenado. ²¹Do mesmo modo, cuide do recinto reservado aos hóspedes um irmão cuja alma seja possuída pelo temor de Deus: ²²haja ali leitos suficientemente arrumados e seja a casa de Deus sabiamente administrada por monges sábios. ²³De modo algum se associe ou converse com os hóspedes quem não tiver recebido permissão: ²⁴se encontrar ou vir algum deles, saúde-o humildemente, como dissemos, e, pedida a bênção, afaste-se, dizendo não lhe ser permitido conversar com os hóspedes.

54 - Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa

¹Não seja permitido de modo algum o monge receber ou enviar a seus pais ou a qualquer pessoa ou um ao outro cartas, eulógias, ou quaisquer pequenos presentes, sem permissão do abade. ²E também, se alguma coisa lhe for enviada pelos seus pais, não presuma recebê-la sem que seja mostrada ao Abade. ³Se ordenar que a reciba, esteja ainda no poder do Abade ordenar a quem a coisa deve ser dada: ⁴e não se entristeça o irmão a quem, porventura, a coisa fora enviada, a fim de não dar ocasião ao diabo. ⁵Quem presumir proceder de outra maneira, seja submetido à disciplina regular.

55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos

¹Sejam dadas vestes aos irmãos de acordo com as condições e temperatura dos lugares em que habitam ²porque, nas regiões frias, tem-se necessidade de mais, e nas quentes, de menos. ³Cabe ao Abade a consideração disso. ⁴Cremos, porém, que, para os lugares de temperatura

mediana, aos monges são suficientes uma cogula e uma túnica para cada um: ⁵a cogula felpuda no inverno, fina ou mais usada no verão, ⁶e um escapulário para o trabalho; para os pés: meias e calçado. ⁷Não se preocupem os monges com a cor e qualidade de todas essas coisas, mas sejam as que se puderem encontrar no lugar onde moram e as que puderem ser adquiridas mais barato.

⁸Providencie o Abade a respeito da medida, para que estas vestes não fiquem curtas para quem as usa, mas de boa medida. ⁹Os que recebem novas entreguem sempre, ao mesmo tempo, as velhas, que devem ser recolocadas na rouparia, para os pobres. ¹⁰Basta ao monge possuir duas túnicas e duas cogulas, para a noite e para poder lavá-las; ¹¹o que houver a mais é supérfluo e deve ser cortado. ¹²E devolvam também os calçados e tudo o que está velho, quando recebem os novos. ¹³Os que são mandados em viagem recebam calças, da rouparia, e devolvam-nas lavadas, ao mesmo lugar, quando voltarem. ¹⁴Suas cogulas e túnicas sejam um pouco melhores que as de costume; recebam-nas da rouparia e, voltando, restitua-nas.

¹⁵Como peças que guarnecem o leito, bastam uma esteira, uma colcha, um cobertor e um travesseiro. ¹⁶Esses leitos devem ser freqüentemente revistados pelo Abade para que não haja ali coisas particulares. ¹⁷E aquele com quem for encontrada alguma coisa que não recebeu do Abade, seja submetido a pesadíssimo castigo. ¹⁸E para que este vício da propriedade seja amputado pela raiz, seja dado pelo Abade tudo o que é necessário, ¹⁹isto é: cogula, túnica, meias, calçado, cinto, faca, estilete, agulha, lenço, tabuinhas, para que se tire a todos a desculpa de necessidade. ²⁰No entanto, considere sempre o Abade aquela sentença dos Atos dos Apóstolos que diz: “Era dado a cada um conforme precisava”. ²¹Assim, pois, considere o Abade as fraquezas dos que precisam e não a má vontade dos invejosos. ²²Mas, em todas as suas decisões, pense na retribuição de Deus.

56 - Da mesa do Abade

¹Tenha sempre o Abade a sua mesa com os hóspedes e peregrinos. ²Toda vez, porém, que não há hóspedes, esteja em seu poder chamar dentre os irmãos os que quiser; ³mas um ou dois dos mais velhos devem sempre ser deixados com os irmãos, por causa da disciplina.

57 - Dos artistas do mosteiro

¹Se há artistas no mosteiro, que executem suas artes com toda a humildade, se o Abade o permitir. ²E se algum dentre eles se ensoberbece

em vista do conhecimento que tem de sua arte, pois parece-lhe que com isso alguma vantagem traz ao mosteiro, ³que seja esse tal afastado de sua arte e não volte a ela a não ser que, depois de se ter humilhado, o Abade, porventura, lhe ordene de novo. ⁴Se, dentre os trabalhos dos artistas, alguma coisa deve ser vendida, cuidem aqueles por cujas mãos devem passar essas coisas de não ousar cometer alguma fraude. ⁵Lembrem-se de Ananias e Safira, para que a mesma morte que esses mereceram no corpo não venham a sofrer na alma ⁶aqueles e todos os que cometerem alguma fraude com os bens do mosteiro. ⁷Quanto aos próprios preços, que não se insinue o mal da avareza, ⁸mas venda-se sempre um pouco mais barato do que pode ser vendido pelos seculares, ⁹para que em tudo seja Deus glorificado.

58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos

¹Apresentando-se alguém para a vida monástica, não se lhe conceda fácil ingresso, ²mas, como diz o Apóstolo: "Provai os espíritos, se são de Deus". ³Portanto, se aquele que vem, perseverar batendo à porta e se depois de quatro ou cinco dias, sendo-lhe feitas injúrias e dificuldade para entrar, parece suportar pacientemente e persistir no seu pedido ⁴conceda-se-lhe o ingresso, e permaneça alguns dias na cela dos hóspedes. ⁵Fique, depois, na cela dos noviços, onde esses se exercitam, comem e dormem. ⁶Seja designado para eles um dos mais velhos, que seja apto a obter o progresso das almas e que se dedique a eles com todo o interesse. ⁷Que haja solicitude em ver se procura verdadeiramente a Deus, se é solícito para com o Ofício Divino, a obediência e os opróbrios. ⁸Sejam-lhe dadas a conhecer, previamente, todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus. ⁹Se prometer a perseverança na sua estabilidade, depois de decorridos dois meses, leia-se-lhe por inteiro esta Regra, ¹⁰e diga-se-lhe: Eis a lei sob a qual queres militar: se podes observá-la entra; mas se não podes, sai livremente. ¹¹Se ainda ficar, seja então conduzido à referida cela dos noviços e seja de novo provado, em toda paciência. ¹²Passados seis meses, leia-se-lhe a Regra, a fim que saiba para o que ingressa. ¹³Se ainda permanece, depois de quatro meses, releia-se-lhe novamente a mesma Regra. ¹⁴E se, tendo deliberado consigo mesmo, prometer guardar todas as coisas e observar tudo quanto lhe for ordenado, seja então recebido na comunidade, ¹⁵sabendo estar estabelecido, pela lei da Regra, que a partir daquele dia não lhe é mais lícito sair do mosteiro, ¹⁶nem retirar o pescoço ao jugo da Regra, a qual lhe foi permitido recusar ou aceitar por tão demorada deliberação.

¹⁷No oratório, diante de todos, prometa o que vai ser recebido a sua estabilidade e conversação de seus costumes, e a obediência, ¹⁸diante de

Deus e de seus Santos, a fim de que, se alguma vez proceder de outro modo, saiba que será condenado por aquele de quem zomba. ¹⁹Desta sua promessa faça uma petição no nome dos Santos cujas relíquias aí estão e do Abade presente. ²⁰Escreva tal petição com sua própria mão; ou então, se não souber escrever, escreva outro rogado por ele, e que o noviço faça um sinal e a coloque com sua própria mão sobre o altar. ²¹Quando a tiver colocado, comece logo o seguinte versículo: “Suscipe me, Domine, secundum eloquium tuum et vivam, et non confundas me ab expectatione mea”. ²²Responda toda a comunidade este versículo, por três vezes, acrescentando: “Gloria Patri”. ²³Prosterna-se, então, o irmão noviço aos pés de cada um para que orem por ele; e já daquele dia em diante seja considerado na comunidade. ²⁴Se possui quaisquer bens, ou os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: ²⁵pois sabe que, deste dia em diante, nem sobre o próprio corpo terá poder. ²⁶Portanto, seja logo no oratório despojado das roupas seculares com que está vestido, e seja vestido com as roupas do mosteiro. ²⁷As vestes que despiu sejam colocadas na rouparia, onde devem ser conservadas, ²⁸para que, se algum dia, por persuasão do demônio, consentir em sair do mosteiro - que isso não aconteça! - seja expulso, despido das roupas do mosteiro. ²⁹Não lhe seja entregue, porém, aquela sua petição que o Abade tirou de cima do altar, mas fique guardada no mosteiro.

59 - Dos filhos dos nobres ou dos pobres que são oferecidos

¹Se porventura, algum nobre oferece o seu filho a Deus no mosteiro, se o jovem é de menor idade façam os seus pais a petição de que falamos acima; ²e envolvam na toalha do altar essa petição e a mão do menino junto com a oblação, e assim o ofereçam.

³Prometam na presente petição, sob juramento, que nunca, por si, nem por pessoa interposta, lhe dão coisa alguma, em qualquer tempo, nem lhe proporcionam ocasião de possuir; ⁴ou então, se não quiserem fazer isso e, como esmola, desejam oferecer ao mosteiro alguma coisa para a própria recompensa, ⁵façam a doação das coisas que querem dar ao mosteiro, reservando o usufruto para si, se assim o desejarem. ⁶E dessa forma, todos os caminhos estarão impedidos, de modo que no menino nenhuma esperança permaneça, pela qual - que isso não aconteça - venha a ser enganado e possa perecer; eis o que aprendemos por experiência. ⁷Da mesma forma procedam os mais pobres. ⁸Aqueles porém, que absolutamente nada possuem, façam simplesmente a petição e ofereçam seu filho, com a sua oblação, diante de testemunhas.

60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro

¹Se alguém da ordem dos sacerdotes pedir para ser recebido no mosteiro, não lhe seja concedido logo; ²mas, se persistir absolutamente nessa súplica, saiba que deverá observar toda a disciplina da Regra ³e não se lhe relaxará nada, de modo que lhe seja dito, como está escrito: “Amigo, a que vieste?”. ⁴Seja-lhe concedido, entretanto, colocar-se depois do Abade, dar a bênção e celebrar Missa, mas se o Abade mandar. ⁵Em caso contrário, não presuma fazer coisa alguma, sabendo que é súdito da disciplina regular; antes, dê a todos exemplos de maior humildade. ⁶E se, por acaso, no mosteiro surgir questão de preenchimento de cargo ou outro qualquer assunto, ⁷atente para o lugar da sua entrada no mosteiro e não para aquele que lhe foi concedido em reverência para com o sacerdotício. ⁸Se algum da ordem dos clérigos, pelo mesmo desejo, quiser associar-se ao mosteiro, sejam colocados em lugar mediano, ⁹mas desde que prometam, também eles, a observância da Regra e a própria estabilidade.

61 - Dos monges peregrinos como devem ser recebidos

¹Se chegar algum monge peregrino de longínquas províncias e quiser habitar no mosteiro como hóspede, ²e mostra-se contente com o costume que encontrou neste lugar, e, porventura, não perturba o mosteiro com suas exigências supérfluas, ³mas simplesmente está contente com o que encontra, seja recebido por quanto tempo quiser. ⁴Se repreende ou faz ver alguma coisa razoavelmente e com a humildade da caridade, trate o Abade prudentemente desse caso, pois talvez por causa disto Deus o tenha enviado. ⁵Mas, se depois quiser firmar a sua estabilidade, não se rejeite tal desejo, máxime porque se pôde conhecer sua vida durante o tempo da hospedagem.

⁶Mas, se durante o tempo da hospedagem for julgado exigente em coisas supérfluas ou vicioso, não somente não deve ser associado ao corpo do mosteiro, ⁷como também lhe seja dito honestamente que se vá embora para que também outros não se viciem com sua miséria. ⁸Mas, se não for tal que mereça ser expulso, - não somente, se pedir para aderir à comunidade, seja ele recebido, ⁹mas também seja persuadido a ficar, para que outros sejam instruídos pelo seu exemplo ¹⁰e porque em todo lugar se serve a um só Senhor, milita-se sob um só Rei. ¹¹E se o Abade julgar que o merece, seja-lhe lícito estabelecê-lo em lugar um pouco mais alto. ¹²Não só para um monge, mas também para os já referidos ordenados sacerdote e clérigos, pode o Abade estabelecer um lugar mais elevado que aquele em que ingressam, se achar ser digna de tal a vida deles. ¹³Cuide, porém, o

Abade que nunca receba, para ficar, monge de outro mosteiro conhecido, sem o consentimento do respectivo Abade ou carta de recomendação, ¹⁴porque está escrito: “Aquilo que não queres que te seja feito, não o farás a outrem”.

62 - Dos sacerdotes do mosteiro

¹Se o Abade quiser pedir que alguém seja ordenado presbítero ou diácono para si, escolha dentre os seus, quem seja digno de desempenhar o sacerdócio. ²Acautele-se o que tiver sido ordenado contra o orgulho ou soberba ³e não presuma fazer senão o que for mandado pelo Abade, sabendo que deverá submeter-se muito mais à disciplina regular. ⁴E não se esqueça, por causa do sacerdócio, da obediência e da disciplina da Regra, mas progrida mais e mais para Deus.

⁵Atente sempre para o lugar em que entrou no mosteiro, ⁶exceto no ofício do altar, mesmo que, pelo mérito de sua vida, o quiserem promover a escolha da comunidade e a vontade do Abade. ⁷Saiba, no entanto, observar de sua parte a Regra constituída para os Decanos e Priores. ⁸E se presumir proceder de outro modo, seja julgado não como sacerdote, mas como rebelde; ⁹e se, admoestado muitas vezes, não se corrigir, chame-se também o bispo em testemunho. ¹⁰Se nem assim se emendar, sendo claras as suas faltas, seja expulso do mosteiro, ¹¹mas isso no caso de ser tal a sua contumácia, que não queira submeter-se ou obedecer à Regra.

63 - Da ordem na comunidade

¹Conservem os monges no mosteiro a sua ordem, conforme o tempo que têm de vida monástica, o merecimento da vida e conforme o Abade constituir. ²Que o Abade não perturbe o rebanho que lhe foi confiado, nem usando como que de livre poder, disponha alguma coisa injustamente: ³mas lembre-se sempre de que deverá prestar contas a Deus de todos os seus juízos e obras. ⁴Portanto, segundo a ordem que ele tiver estabelecido ou que tiverem os irmãos, apresentem-se estes para a Paz, para a comunhão, para entoar os salmos, para estar no coro. ⁵Em qualquer lugar que seja, que a idade não distinga ou prejudique aquela ordem, ⁶porque Samuel e Daniel, meninos, julgaram anciãos. ⁷Portanto, exceto aqueles, que, como dissemos, com superior conselho, o Abade tiver posto à frente ou postergado por determinados motivos, todos os demais estejam segundo a ordem de ingresso, ⁸de modo que, por exemplo, aquele que chegar ao mosteiro na segunda hora do dia, se reconhecerá mais moço do que o que chegar na primeira hora do dia, seja qual for a idade ou

dignidade; ⁹quanto aos meninos, seja a disciplina em tudo conservada por todos.

¹⁰Por isso, honrem os mais moços aos mais velhos que eles e os mais velhos amem aos irmãos mais moços: ¹¹No próprio modo de chamar pelo nome, a ninguém seja permitido chamar o outro pelo simples nome, ¹²mas os mais velhos chamem aos mais moços pelo nome de irmãos e os mais moços chamem aos mais velhos de “nonos”, o que significa reverência paterna. ¹³O Abade, que se crê fazer as vezes do Cristo, seja chamado Senhor e Abade, não em virtude de sua própria atribuição, mas em honra e por amor a Cristo. ¹⁴Que ele pense nisso e se mostre de tal forma que seja digno de tal honra. ¹⁵Em qualquer lugar em que se encontrem os irmãos, peça o mais moço a bênção ao mais velho. ¹⁶Passando um mais velho, levante-se o mais moço e ceda-lhe o lugar, e não presuma o mais moço se assentar junto, a não ser que o convide o seu irmão mais velho, ¹⁷a fim de que se faça o que está escrito: “Antecipando-se mutuamente em honra”. ¹⁸Os meninos pequenos e adolescentes conservem com disciplina sua ordem no oratório e na mesa. ¹⁹Fora ou em qualquer lugar, sejam guardados e tenham disciplina até que atinjam a idade da compreensão.

64 - Da ordenação do Abade

¹Na ordenação do Abade considere-se sempre a seguinte norma: seja constituído aquele que tiver sido eleito por toda a comunidade concorde no temor de Deus, ou, então, por uma parte, de conselho mais sã, ainda que pequena. ²Aquele que deve ser ordenado seja eleito pelo mérito da vida e pela doutrina da sabedoria, ainda que seja o último na ordem da comunidade. ³E se toda a comunidade eger, em conselho comum, o que não aconteça, uma pessoa conivente com seus vícios ⁴e estes vícios cheguem de algum modo ao conhecimento do bispo da diocese a que pertence o lugar, ou se tornarem evidentes para os Abades ou cristãos vizinhos, ⁵não permitam que prevaleça o consenso dos maus, mas constituam para a casa de Deus um dispensador digno, ⁶sabendo que por isso receberão a boa recompensa, se o fizerem castamente e com zelo divino; mas se, pelo contrário negligenciam, cometerão pecado.

⁷Pense sempre o Abade ordenado no ônus que recebeu e a quem deverá prestar contas da sua administração, ⁸e saiba convir-lhe mais servir que presidir. ⁹Deve ser, pois, douto na lei divina para que saiba e tenha de onde tirar as coisas novas e antigas; deve ser casto, sóbrio, misericordioso ¹⁰e faça prevalecer sempre a misericórdia sobre o julgamento, para que obtenha o mesmo para si. ¹¹Odeie os vícios, ame os irmãos. ¹²Na própria correção proceda prudentemente e não com demasia, para que, enquanto quer raspar demais a ferrugem, não se quebre o vaso; ¹³e suspeite sempre

da própria fragilidade, e lembre-se que não deve esmagar o caniço já rachado. ¹⁴Com isso não dizemos que permita que os vícios sejam nutridos, mas que os ampute prudentemente e com caridade, conforme vê que convém a cada um, como já dissemos; ¹⁵e se esforce por ser mais amado que temido. ¹⁶Não seja turbulento nem inquieto, não seja excessivo nem obstinado, nem ciumento, nem muito desconfiado, pois, nunca terá descanso; ¹⁷seja prudente e refletido nas suas ordens, e quer seja de Deus, quer do século o trabalho que ordenar, faça-o com discernimento e equilíbrio, ¹⁸lembrando-se da discrição do santo Jacó, quando diz: “Se fizer meus rebanhos trabalhar andando demais, morrerão todos num só dia”. ¹⁹Assumindo esse e outros testemunhos da discrição, mãe das virtudes, equilibre tudo de tal modo, que haja o que os fortes desejam e que os fracos não fujam; ²⁰precipuamente, conserve em tudo a presente Regra ²¹para que, depois de ter bem administrado, ouça do Senhor o que disse ao bom servo que distribuiu o trigo a seus conservos no devido tempo: ²²“Na verdade vos digo - diz - estabelece-o sobre todos os seus bens”.

65 - Do Prior do mosteiro

¹Muitas vezes acontece que, pela ordenação do Prior, se originam graves escândalos nos mosteiros; ²quando existem alguns que, inchados por um maligno espírito de soberba e julgando-se segundos Abades, atribuindo a si mesmos um poder tirânico, nutrem escândalos e fazem dissensões nas comunidades ³principalmente naqueles lugares em que, pelo mesmo sacerdote ou pelos mesmos Abades que ordenam o Abade, é também ordenado o Prior. ⁴Facilmente se verifica o quanto isto é absurdo porque, desde o início da ordenação se lhe dá matéria para se orgulhar, ⁵enquanto os seus pensamentos lhe sugerem que está livre do poder de seu Abade: ⁶“porque és ordenado, também tu, pelos mesmos que o Abade”. ⁷Daí são suscitadas invejas, brigas, detrações, rivalidades, dissensões, desordens, ⁸pois, enquanto o Abade e o Prior sentem de maneira diferente, necessariamente, sob esta dissensão, perigam suas almas; ⁹os que lhes estão subordinados, enquanto adulam as partes, caminham para a perdição. ¹⁰O mal deste perigo recai, em primeiro lugar, sobre aqueles que se fizeram autores de tal desordem.

¹¹Por isso achamos conveniente, para a defesa da paz e da caridade, que dependa do arbítrio do Abade a organização do seu mosteiro. ¹²E, se for possível, seja organizado por meio dos Decanos, como estabelecemos acima, todo o serviço do mosteiro, conforme dispuser o Abade; ¹³para que, sendo confiado a muitos um só não se ensoberbeça. ¹⁴E se o lugar o exige ou a comunidade pedir razoavelmente e com humildade, e o Abade julgar conveniente, ¹⁵ordene ele próprio, para si, o Prior, na pessoa de quem quer

que, com o conselho dos irmãos tementes a Deus, tiver escolhido. ¹⁶Execute, pois, o Prior, com reverência, aquilo de que for encarregado pelo Abade, nada fazendo contra a vontade ou disposição do Abade; ¹⁷porque quanto mais elevado está acima dos outros, tanto mais solícitamente lhe cumpre observar os preceitos da Regra. ¹⁸Se este Prior for achado com vícios ou se ensoberbecer, enganado pelo orgulho, ou se se tornar desprezador comprovado da Santa Regra, seja admoestado por palavras até a quarta vez; ¹⁹se não se emendar, aplique-se-lhe a correção da disciplina regular. ²⁰E se nem assim se corrigir, seja então expulso da ordem de Prior e coloque-se, em seu lugar, outro que seja digno. ²¹Se depois não permanecer quieto e obediente na comunidade, seja também expulso do mosteiro. ²²Pense, no entanto, o Abade que deve dar contas a Deus de todos os seus juízos, para que não aconteça que a chama da inveja e do ciúme queime a sua alma.

66 - Dos porteiros do mosteiro

¹Coloque-se à porta do mosteiro um ancião sábio que saiba receber e transmitir um recado e cuja maturidade não lhe permita vaguear. ²O porteiro deverá ter a cela junto à porta para que os que chegam o encontrem sempre presente e dele recebam resposta. ³Logo que alguém bater ou um pobre chamar, responda “Deo gratias” ou “Benedic” ⁴e, com toda a mansidão do temor de Deus, responda com presteza e com o fervor da caridade. ⁵Se o porteiro precisa de auxiliar, receba um irmão mais moço. ⁶Seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, ⁷para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas. ⁸Queremos que esta Regra seja freqüentemente lida na comunidade para que nenhum irmão se escuse por ignorância.

67 - Dos irmãos mandados em viagem

¹Os irmãos que vão partir em viagem recomendem-se às orações de todos os irmãos e do Abade; ²e sempre, na última oração do Ofício Divino, faça-se a comemoração de todos os ausentes. ³Os irmãos que voltam de viagem, no mesmo dia em que chegam, em todas as Horas canônicas, quando termina o Ofício Divino, prostrados no chão do oratório, ⁴peçam a todos a sua oração por causa dos excessos que, porventura, durante a viagem, se tenham nele insinuado, vendo ou ouvindo coisas más ou em conversas ociosas. ⁵E ninguém presuma relatar a outrem qualquer das coisas que tiver visto ou ouvido fora do mosteiro, pois é grande a

destruição. ⁶E se alguém presumir fazê-lo, seja submetido ao castigo regular, ⁷da mesma forma quem presumir sair dos claustros do mosteiro ou ir a qualquer lugar, ou fazer qualquer coisa, por menor que seja, sem ordem do Abade.

68 - Se são ordenadas a um irmão coisas impossíveis

¹Se a algum irmão são acaso ordenadas coisas pesadas ou impossíveis, que receba a ordem de quem manda com toda a mansidão e obediência. ²Se vê que o peso do ônus excede absolutamente a medida de suas forças, sugira paciente e oportunamente ao seu superior as causas de sua impossibilidade, ³não se enchendo de soberba, nem resistindo ou contradizendo. ⁴Se, depois de sua sugestão, a ordem do superior permanecer em sua determinação, saiba o súdito ser-lhe isso conveniente ⁵e, confiando pela caridade, no auxílio de Deus, obedeça.

69 - No mosteiro não presuma um defender o outro

¹Deve-se tomar precaução para que no mosteiro não presuma um monge defender outro, seja por que motivo for, ou como que protegê-lo, ²mesmo se ligados por qualquer laço de consangüinidade. ³De modo algum seja isso presumido pelos monges, pois por este meio pode originar-se gravíssima ocasião de escândalos. ⁴Se alguém tiver transgredido isso, seja mais severamente punido.

70 - Não presuma alguém bater em outrem a próprio arbítrio

¹Seja vedada no mosteiro toda ocasião de presunção, ²e determinamos que a ninguém seja lícito excomungar ou bater em qualquer dos seus irmãos, a não ser aquele a quem foi dado o poder pelo Abade. ³Que os transgressores sejam repreendidos diante de todos para que os demais tenham medo. ⁴A diligência da disciplina e guarda das crianças até quinze anos de idade caiba a todos, ⁵mas, também isso, com toda medida e inteligência. ⁶Quem de qualquer modo o presume, sem ordem do Abade, contra os que já são mais velhos, ou bater sem discricção mesmo nas crianças, seja submetido à disciplina regular, ⁷porque está escrito: "Não façás a outrem o que não queres que te façam".

71 - Que sejam obedientes uns aos outros

¹Não só ao Abade deve ser tributado por todos o bem da obediência, mas, da mesma forma, obedeçam também os irmãos uns aos outros, ²sabendo

que por este caminho da obediência irão a Deus. ³Colocado, pois, antes de tudo o poder do Abade e dos superiores por ele constituídos, ao qual não permitimos que seja antepostos poderes particulares - ⁴quanto ao mais, que todos os mais moços obedeçam aos respectivos irmãos mais velhos, com toda a caridade e solicitude. ⁵Se se encontrar algum com espírito de contenção, que seja castigado. ⁶Se algum irmão, por qualquer motivo, ainda que mínimo, for repreendido, de qualquer modo pelo Abade ou por qualquer superior seu, ⁷ou se levemente sentir o ânimo de qualquer superior seu irado ou alterado contra si, ainda que pouco, ⁸logo, sem demora, permaneça prostrado em terra, a seus pés, fazendo satisfação, até que pela bênção esteja sanada aquela comoção. ⁹Se alguém não o quiser fazer, ou seja submetido a castigo corporal ou, se for contumaz, seja expulso do mosteiro.

72 - Do bom zelo que os monges devem ter

¹Assim como há um zelo mau, de amargura, que separa de Deus e conduz ao inferno, ²assim também há o zelo bom, que separa dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna. ³Exerçam, portanto, os monges este zelo com amor ferrentíssimo ⁴isto é, antecipem-se uns aos outros em honra. ⁵Tolerem pacientíssimamente suas fraquezas, quer do corpo quer do caráter; ⁶rivalizem em prestar mútua obediência; ⁷ninguém procure aquilo que julga útil para si, mas, principalmente, o que o é para o outro; ⁸ponham em ação castamente a caridade fraterna; ⁹temam a Deus com amor; ¹⁰amem ao seu Abade com sincera e humilde caridade; ¹¹nada absolutamente antepõem a Cristo - ¹²que nos conduza juntos para a vida eterna.

73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra

¹Escrevemos esta Regra para demonstrar que os que a observamos nos mosteiros, temos alguma honestidade de costumes ou algum início de vida monástica. ²Além disso, para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há as doutrinas dos Santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da perfeição. ³Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Antigo e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana? ⁴Ou que livros dos Santos Padres Católicos ressoam outra coisa senão o que nos faça chegar, por caminho direto, ao nosso Criador? ⁵E também as Colações dos Padres, as Instituições e suas Vidas, e também a Regra de nosso santo Pai Basílio, ⁶que outra coisa são senão instrumentos das virtudes dos monges que

vivem bem e são obedientes? ⁷Mas para nós, relaxados, que vivemos mal e somos negligentes, são o rubor da confusão. ⁸Tu, pois, quem quer que sejas, que te apressas para a pátria celeste, realiza com o auxílio de Cristo esta mínima Regra de iniciação aqui escrita ⁹e, então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cumes da doutrina e das virtudes de que falamos acima. Amém.

Termina a Regra

